



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

LIA BARROSO DE ALBUQUERQUE

ARTE COMO RE-SIGNIFICAÇÃO DE VIDA PARA
ADOLESCENTES: EXPRESSÕES NA DANÇA

FORTALEZA

2007

LIA BARROSO DE ALBUQUERQUE

ARTE COMO RE-SIGNIFICAÇÃO DE VIDA PARA ADOLESCENTES:
expressões na dança

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Criança e do Adolescente da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: Saúde da Criança e do Adolescente.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Veraci Oliveira Queiroz

FORTALEZA

2007

LIA BARROSO DE ALBUQUERQUE

ARTE COMO RE-SIGNIFICAÇÃO DE VIDA PARA ADOLESCENTES:
expressões na dança

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado Profissional em Saúde da Criança
e do Adolescente da Universidade Estadual
do Ceará, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Mestre

Defesa em: 27 / 07 / 2007

Conceito obtido: Satisfatório

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Maria Veraci Oliveira Queiroz (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará

Prof.^a Dr.^a Maria Salete Bessa Jorge

Universidade Estadual do Ceará

Prof.^a Dr.^a Bárbara Pereira D'Alencar

Universidade Estadual do Ceará

Jardim da Fantasia

*Bem-te-vi, bem-te-vi
Andar por um jardim em flor
Chamando os bichos de amor
Tua boca pingava mel*

*Bem te quis, bem te quis
E ainda quero muito mais
Maior que a imensidão da paz
Bem maior que o sol*

*Onde estás?
Voei por este céu azul
Andei estradas do além
Onde estarás meu bem*

*Onde estás?
Nas nuvens ou na insensatez
Me beije só mais uma vez*

DEDICATÓRIA

A meus pais que não só me deram a vida, mas me ensinaram a vivê-la de forma digna, saudável e sincera. Que descobriram a medida certa de amar, sem sufocar; de proteger, sem castrar; de sonhar, sem perder de vista a realidade. Que despertaram em mim o amor incondicional pelas coisas verdadeiras, e me mostraram a maneira exata de sentir as verdades da vida. A meus pais que facilmente enxergam minha alma através de meus olhos, e sabem como tocar profundamente meu coração... a vocês dedico não só este trabalho, mas todo o meu viver.

À Luana Barroso, minha razão, e ao Sérgio Barroso, minha emoção, meus irmãos amados, complementos de vida, que tanto me apoiaram, demonstrando o real sentido da palavra família.

Ao Rondy, meu amor de “outras vidas”, que neste momento de “reencontro”, acolhe-me em seus braços e conforta-me em seus lábios, com quem compartilho minha vida e meus sonhos.

À Luana Girão, minha Lua linda, “filha 25%”, pelas sinceras e singelas trocas de afeto.

A meus avôs, pelo incessante apoio, pela confiança a mim dispensada, pelos inúmeros momentos de oração e pelo orgulho, retratado no brilho de seus olhares e na constância de seus sorrisos.

A meus tios e tias, em especial à tia Lili, ora tia, ora mãe, sempre amiga e participante ativa em nossas vidas.

A meus primos e primas, em especial à Livinha, minha “*barbie* bailarina”, Amanda, minha “mulher-gato”, e ao David, meu amigo, que me fizeram imergir em momentos de felicidade e sinceridade.

À D. Socorro e meus cunhados queridos, Antonio Henrique, Jéssica, Alexandre e Patrícia, que tanto me apoiaram e me proporcionaram momentos de descontração e alegria.

À Giovanna, minha amiguinha Gigi, por me fazer mergulhar no fantástico mundo das crianças, um mundo de magia, sinceridade e alegria, e a toda a sua maravilhosa família, pela compreensão, apoio e amizade.

Resta-me agora, convidá-los para “voar” alto e acreditar na finitude infinita da vida...

AGRADECIMENTOS

À Força Maior, fonte divina de toda energia e possibilidade.

À Prof^a. Dr^a. Maria Veraci Oliveira Queiroz, minha orientadora, que com paciência, respeito e dedicação, guiou meus passos, participando ativamente da construção e desconstrução deste trabalho.

Aos colegas do CAPS, que se mostraram compreensivos e pacientes, em especial ao Possi, fonte de tranquilidade, que com um olhar acolhedor, as palavras certas e a sensibilidade necessária, tanto me estendeu a mão e tranquilizou o coração; ao Josué e à Glorinha, pelo apoio nunca negado; à Lídia, pela disponibilidade de sempre; à Nazaré e à Vivi, pelo carinho e preocupação gratuita; à Cyntia e Sylvia, pelo apoio teórico e empréstimo de livros, e a todas as pessoas que acolhem no serviço, que desnudam suas vidas e muito nos ensinam.

Aos amigos de trabalho da Escola Vila, em especial às crianças, pelas trocas sensíveis nas vivências em arte.

Ao Instituto Aquilae, refúgio do Caos, local de verdadeiras amizades e lembranças de momentos inesquecíveis de felicidade.

À família EDISCA, em especial ao Gilano, que desde o início me ofereceu apoio; à Sylvia, pela atenção a mim dispensada; à Madeline, por todo o tempo dedicado, apoio e direcionamento dentro da Escola; à Ana, por sempre se mostrar disponível e atenciosa; e especialmente aos adolescentes, “meus pássaros”, que me fizeram “voar”, conduzindo-me a um mundo de sonhos. Pela disponibilidade, paciência, interesse, apoio, carinho e pela doação de vida, percebida em cada olhar, em cada gesto, em cada palavra.

E a todos que contribuíram para a construção deste estudo.

RESUMO

As dificuldades sociais enfrentadas no país acometem crianças e adolescentes em seu pleno desenvolvimento. No entanto, ações governamentais e não governamentais buscam oferecer subsídios que possam reverter situações de iniquidade social e transformar a vida dessas pessoas, oferecendo oportunidades de crescimento pessoal e social. Assim, define-se a finalidade da instituição lócus desse estudo – o desenvolvimento e a integração social de crianças e adolescentes por intermédio da arte. A pesquisa qualitativa teve como objetivo compreender as expectativas de vida e os sentimentos dos adolescentes participantes do corpo de baile da Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes – EDISCA, através da análise de narrativa fundamentada na fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur. Participaram da pesquisa um total de 09 (nove) adolescentes, e, a apreensão das informações ocorreu por meio de técnicas de interação entre o pesquisador e os participantes, como grupo focal e entrevista semi-estruturada, enriquecidas pela observação livre. Seguimos temário para o grupo focal e roteiro semi-estruturado para as entrevistas individuais, as quais foram gravadas, transcritas e enriquecidas pela percepção das comunicações não verbais, registradas manualmente. Os critérios éticos previstos na Resolução de nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, foram obedecidos durante todos os passos do estudo. Os temas que nortearam a pesquisa foram: Quais as expectativas que os adolescentes tinham da EDISCA antes de entrar para este projeto? Como eles se sentiam naquele momento? O que eles esperavam do futuro, depois do desligamento com a EDISCA? Após a saturação teórica das informações coletadas, seguimos com o processo de análise e compreensão: fixando as narrativas em textos, abstraindo as unidades de significação, construindo as categorias emergentes e buscando um entendimento abrangente. Ao narrar suas expectativas sobre a entrada na EDISCA, os adolescentes enfatizaram o desejo de ser bailarino, a vontade de alcançar o crescimento pessoal, na busca de um futuro promissor. Através de vivências nas atividades oferecidas na Instituição, eles relataram que sentimentos e percepções modificadas determinaram a apropriação de aspectos como: autoconhecimento e autoconfiança, conduzindo à maturidade em atitudes e comportamentos diários. A partir da incorporação destas novas significações da vida, os adolescentes puderam sonhar com outros horizontes, demonstrando uma visão social e política mais crítica e reflexiva, destacando a importância em dar continuidade aos estudos. Os resultados apontaram que os adolescentes, artistas principais deste estudo, estão estruturando o futuro a partir de suas oportunidades e vivências no presente, demonstrando ter boas expectativas de vida, após o momento de desligamento da EDISCA. Percebemos com estes ensinamentos que as oportunidades ofertadas aos adolescentes foram significativas na construção do desenvolvimento de cada um. Portanto, há necessidade de apoiar a criação e manutenção de iniciativas com objetivos e ações semelhantes, como forma de ampliar a oferta e diminuir exclusão social.

Palavras-chave: Adolescente, Arte, Terapia através da Dança, Terapia Ocupacional, Qualidade de Vida.

ABSTRACT

The social difficulties faced by this country affect children and adolescents during their development; however, governmental and non-governmental institutions seek to offer assistance that inverts unequal social situations and transforms these children's and adolescents' lives by offering opportunities for personal and social growth. Therefore, it is defined that the subject of this study is the development and social integration of children and adolescents through art. The objective of this qualitative research was to understand the life expectations and feelings of the adolescents who participate in the dance program at *Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes* (The School of Dance and Social Integration for Children and Adolescents), also known as EDISCA, through the narration analysis based on Paul Ricoeur's phenomenology hermeneutical. A total of 9 (nine) adolescents participated in the research, and the information was collected by using interaction techniques between the researcher and the participants, both in focus groups and semi-structured interviews, and enriched by free observation. A list of themes was followed in the focal group, and semi-structured itinerary was employed for individual interviews, which were recorded, transcribed and enriched by the perception of non-verbal communications, manually registered. The ethical criteria stated in the Resolution nº 196/96, from the *Conselho Nacional de Saúde* (National Health Council), were followed during all of the steps of this study. The questions that provided direction for this research were: What were the adolescents' expectations of EDISCA before enrolling in this project? What were their emotions during the interview process? What would be their future expectations after they leave EDISCA? After the theoretical saturation of the collected information, a process of analysis and comprehension was followed: fixing the narration in texts, abstracting the unities of significance, building the emergent categories and seeking a broad understanding. When exposing their expectations about getting into EDISCA, the adolescents emphasized the desire to be ballet dancers, the desire to achieve personal growth, and searches for a prominent future. Through living experiences in the activities offered by the Institution, they said that modified feelings and perceptions determined the appropriation of aspects such as: self-knowledge and self-confidence, leading them to maturity in daily attitudes and behaviors. Through the incorporation of these new life experiences, the adolescents were able to dream about new horizons, demonstrating a more critical and reflexive social and political vision, thus emphasizing the importance of the continuation of the studies. The results show that the adolescents, the main focus of this study, are structuring their future from their present opportunities and life experiences, and portray positive life expectations after they leave EDISCA. Within these observations, it is notable that the opportunities offered to the adolescents were significant in the development of each one of them. For this reason, there is a need to support the creation and maintenance of other projects with similar criteria and practices, creating more opportunities, and decreasing social exclusion.

Key Words: Art, Dance Therapy, Occupational Therapy, Quality of Life

RESUMEN

Las dificultades sociales que enfrenta el país, acometen contra los niños y adolescentes en su pleno desarrollo. No obstante, las acciones gubernamentales y no gubernamentales, buscan ofrecer subsidios que puedan revertir las situaciones de inequidad social y transformar la vida de esas personas ofreciéndoles oportunidades de crecimiento personal y social. Así se define la finalidad de la institución locus de ese estudio - el desarrollo y la integración social de niños y adolescentes por intermedio del arte. La búsqueda cualitativa tiene como objetivo comprender las expectativas de vida y los sentimientos de los adolescentes participantes del Cuerpo de Baile de la *Escola de Dança e Integração Social para Crianças e Adolescentes* (Escuela de Danza e Integración Social para Niños y Adolescentes), también conocida como EDISCA, a través del análisis de la narrativa fundamentada y la fenomenología hermenéutica de Paul Ricoeur. Participaron de la búsqueda un total de 09 (nueve) adolescentes y el recabado de las informaciones ocurrió por medio de técnicas de interacción entre el investigador y los participantes, como grupo focal y entrevista semi-estructurada, enriquecidas por la observación libre. Seguimos un temario para el grupo focal, e roteiro semi-estructurado para las entrevistas individuales, las cuales fueron grabadas, transcritas y enriquecidas por la percepción de las comunicaciones no verbales, registradas manualmente. Los criterios éticos previstos en la Resolución de Nº 196/96 del Consejo Nacional de la Salud, fueron seguidos durante todos los pasos del estudio. Los temas que motivaron la pesquisa fueron: ¿Cuáles son las expectativas que los adolescentes tenían de EDISCA antes de entrar en el proyecto? Como ellos se sentían en aquel momento? ¿Qué eran lo que ellos esperaban del futuro, después de la desvinculación con EDISCA? Después de la saturación teórica de las informaciones recolectadas, seguimos con un proceso de análisis y comprensión: fijando las narrativas en los textos, abstrayendo las unidades de significación, construyendo las categorías emergentes y buscando un entendimiento abarcativo. Al narrar sus expectativas sobre la entrada a EDISCA, los adolescentes enfatizaron el deseo de ser un bailarín, la voluntad de alcanzar el crecimiento personal, la búsqueda de un futuro promisorio. A través de las vivencias en las actividades ofrecidas en la Institución, ellos relataron que sus sentimientos y percepciones modificadas determinaron una aproximación de aspectos como: autoconocimiento, autoconfianza, conduciendo a la madurez en actitudes y comportamientos diarios. A partir de la incorporación de estas nuevas significaciones de la vida, los adolescentes pudieron soñar con otros horizontes demostrando una visión social y política más crítica y reflexiva, destacando la importancia de la continuidad de los estudios. Los resultados apuntaron a que los adolescentes, artistas principales de este estudio, están estructurando el futuro a partir de sus oportunidades y vivencias en el presente, demostrando tener buenas expectativas de vida, después del momento de desvinculación de EDISCA. Percibimos con estas enseñanzas que las oportunidades ofertadas a los adolescentes fueron significativas en la construcción del desenvolvimiento de cada uno. Por lo tanto, la necesidad de apoyar la creación y mantenimiento de iniciativas con objetivos y acciones semejantes, como forma de ampliar la oferta y disminuir la exclusión social.

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT.....	7
1 QUANDO AS CORTINAS SE ABREM: O DESPERTAR PARA O TEMA E O OBJETO DE ESTUDO.....	11
2 A CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO: DESENHO METODOLÓGICO.....	20
3 UM DESCORTINAR PARA A VIDA: ADOLESCENTE, ARTE E SOCIEDADE	44
4 ENCENANDO NOS PALCOS DA VIDA: COMPREENSÃO À LUZ DE PAUL RICOEUR.....	83
.	
5 QUANDO AS CORTINAS SE FECHAM: REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO.....	87
REFERÊNCIAS	91
APÊNDICE I.....	98
APÊNDICE II	99
APÊNDICE III.....	100
ANEXO I	102
ANEXO II.....	103

**QUANDO AS CORTINAS SE ABREM: O DESPERTAR
PARA O TEMA E O OBJETO DE ESTUDO**

1 QUANDO AS CORTINAS SE ABREM: O DESPERTAR PARA O TEMA E O OBJETO DE ESTUDO

A dança faz parte do meu percurso de vida. Ainda criança iniciei meus estudos de dança como bailarina, seguindo até o nível técnico, quando tive a oportunidade de ser professora nessa área. Esta experiência me proporcionou o contato com diferentes grupos: turmas de *ballet* para crianças e adolescentes, em uma academia de classe alta de Fortaleza; turma de dança para crianças, moradoras da comunidade do Dendê (pertencentes a uma classe social menos favorecida); e turmas de dança-terapia para crianças e adolescentes com algum tipo de desvantagem funcional.

Somada a esta vivência pessoal, ao concluir o curso de terapia ocupacional, tive a oportunidade de realizar uma monografia sobre a dança como recurso terapêutico na potencialização do ser criança. Um diálogo entre a dança e a terapia ocupacional apontou para a possibilidade de intervenção positiva nos aspectos subjetivos, funcionais e sociais destes sujeitos, favorecendo uma melhor adaptação à vida.

Em minhas atividades profissionais continuei a desenvolver uma prática, que se preocupa com o desenvolvimento do ser, nas suas habilidades funcionais e psicossociais, por meio de atendimentos individualizados e grupais, em ambientes terapêuticos diversificados.

A oportunidade de continuar desenvolvendo pesquisas nesta área e aprofundar meus conhecimentos pessoais e profissionais levou-me a procurar o mestrado em saúde da criança e do adolescente.

Os conhecimentos adquiridos e as reflexões despertadas durante o curso do mestrado confirmaram meu interesse em estreitar o diálogo entre a arte e a possibilidade de promoção social de adolescentes, partindo da visão defendida pela terapia ocupacional, de possibilitar uma participação mais significativa, com autonomia e satisfação do sujeito em suas atividades de vida diárias.

A interseção da terapia ocupacional e da arte favorece a possibilidade de uma nova significação de vida, com a modificação de hábitos e atitudes do indivíduo, pois a canalização de emoções para uma atividade traz consigo a possibilidade de trabalhar, de forma concreta, o abstrato. A transformação “real” do material artístico pode ser vinculada à transformação da vida, de uma maneira geral (COSTA *et al*, 2004).

Entendemos terapia ocupacional como uma profissão da área da saúde preocupada com a capacitação funcional e o bem-estar. É, ainda, o uso terapêutico de cuidados pessoais, atividades laborativas e de lazer para aumentar a autonomia funcional, o desenvolvimento e prevenir a incapacidade, podendo englobar adaptações de tarefas e/ou ambientes para uma maior independência e qualidade de vida (JACOBS; JACOBS, 2006).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define terapia ocupacional como sendo uma profissão da área de saúde que abrange os domínios da terapêutica, reeducação, readaptação, prevenção e consultoria. Assiste indivíduos com alterações de natureza somática, psíquica e/ou intelectual, visando manter ou proporcionar o máximo de autonomia nas atividades diárias primárias e secundárias. Com isso, busca inserir estes indivíduos em seu meio social e profissional, promovendo-lhes uma melhor qualidade de vida (BRASIL, 1997).

Os conhecimentos teóricos e as ações práticas desta profissão subsidiam interesses pelos problemas do homem em sua vida funcional, considerando as atividades humanas o produto e o meio da construção do próprio homem. Busca compreender as relações que este homem em atividade estabelece em sua condição de vida e saúde (MEDEIROS, 2003).

Ressaltamos que a terapia ocupacional é uma possibilidade real de proporcionar um fazer repleto de intenções, embasada em saberes técnicos e científicos; tem como instrumento de trabalho as atividades, previamente elaboradas, analisadas e selecionadas, fazendo parte de um universo de possibilidades que oferecem autonomia e qualidade de vida aos sujeitos assistidos por ela.

Encontramos em Medeiros (2003) que a finalidade do uso de atividades na terapia ocupacional é fazer com que o indivíduo se aproprie, com satisfação, de sua vida. Isto deve ocorrer nos diversos campos de atuação, quer seja, no desempenho de suas atividades práticas diárias, de seus diferentes papéis sociais, de sua vida profissional, afetiva e política, vivendo em busca da realização de seus desejos. Este processo implica diretamente na qualidade de vida dos sujeitos atendidos.

O instrumento terapêutico ocupacional se modifica a medida que a cultura se transforma, pois a atividade é entendida como a expressão máxima da existência do sujeito (ALMEIDA, 2004).

Do vasto universo de atividades, destacamos as auto-expressivas, as quais possibilitam a expressão de sentimentos, atitudes, idealizações, em um nível não-verbal, fazendo-nos lembrar o que diz Francisco (2004) que a compreensão do inconsciente se faz na medida em que atitudes, emoções e idéias são mostradas através da ação.

A arte, compreendida como atividade auto-expressiva, facilita o contato com a realidade, por desenvolver uma melhor percepção e interação entre os meios interno e externo. Pode ser entendida como uma produção, tangível ou não, proveniente de um projeto imaginativo. Neste sentido, arte é sempre um potencial para a produção do novo, do devir, da diferença. E isto sempre foi e continua sendo uma constante na terapia ocupacional (ALMEIDA, 1997).

Imergir no mundo da arte, especialmente na dança, é um convite a conhecer a escola de dança e integração social para criança e adolescente – EDISCA.

Uma vez na platéia dos espetáculos ou nas dependências da Escola, o encantamento, a admiração e o interesse em conhecer mais profundamente a Instituição vêm como consequência.

Fomentar o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões: intelectual, corpórea, emocional e transcendental, para formar pessoas sensíveis e

com potencias para lidar com as adversidades que a vida impõe: aí talvez, o maior interesse dos que constituem a EDISCA.

Esta Instituição objetiva educar para promover o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes em situação de dificuldade social, mantendo interseção com a família e a comunidade, através de uma pedagogia que tem a arte no centro do processo educativo para desenvolver habilidades e incorporar valores, aliado a um programa de atenção à saúde integral dos educandos.

Por acreditar na possibilidade de transformação ativa do humano, buscamos nos aproximar das experiências vivenciadas por adolescentes inseridos nesta instituição que tem como finalidade principal o desenvolvimento e a integração social de crianças e adolescentes por intermédio da arte.

Partindo dos investimentos da EDISCA, nas áreas artísticas, pedagógicas e sociais, para que possamos contemplar o interesse das pesquisadoras em focar a dança neste estudo, estreitamos nossos olhares para os adolescentes participantes do corpo de baile da Instituição.

Pensando em dança, remetemo-nos à imagem de um indivíduo que se expressa livremente através de movimentos de seu corpo, em direto contato e sintonia com seus meios interno e externo. Refletimos, então, sobre este “corpo dançante”, que tenta expressar-se neste momento de transformação, a adolescência.

Neste período, a aparência dos jovens muda em função das alterações hormonais da puberdade, o pensamento muda para que as capacidades de lidar com abstrações sejam desenvolvidas, seus sentimentos mudam sobre quase tudo. Estas mudanças que acontecem principalmente para que uma identidade adulta seja estabelecida, pois é também um momento intenso do ciclo da vida, repleto de oportunidades de crescimento (PAPALIA; OLDS, 2000).

Adentrando no processo do adolescer, percebemos um corpo que se situa como interlocutor entre a mais íntima dimensão do ser e do mundo externo. Um sujeito que se percebe subjetivamente em interface com a coletividade, vendo-se em constante relação com as circunstâncias que o cercam, as outras pessoas, os

terrenos culturais, as normas e regras socialmente pré-estabelecidas, correlacionadas com o seu tempo, e todos os fatores circunstanciais (LIBERMAN, 1998).

O trabalho corporal e a criação de novas formas de expressão, facilmente alcançados através da dança, podem atuar no sentido de dar ensejo a processos de singularização, possibilitando uma re-significação da vida dos envolvidos, pois o corpo constitui um indicador fundamental para o conhecimento da história do sujeito de seus modos de funcionamento de suas vidas cotidianas, suas dores, tensões, anseios (LIBERMAN, 2002).

Para os adolescentes, que biológica e psicologicamente estão passando por um período de transformação, quando a dualidade de sentimentos faz com que vivam em constante batalha interna, na busca incessante de significação da vida, a dança pode ser uma atividade muito indicada (FERIOTI, 2001).

Pensando socialmente na situação dos adolescentes participantes da pesquisa, percebemos marcas deixadas por problemas financeiros. Estas marcas se apresentaram como barreira na construção do futuro.

Diariamente nos deparamos com barreiras e dificuldades, tendo que enfrentá-las, buscando recursos pessoais e no entorno. Podemos imaginar que estas dificuldades se agravam quando se vive em condições sociais, econômicas e culturais precárias. Sucessivas crises no país comprometem cada vez mais as condições de vida de quem habita as favelas e bairros de periferia. Em Fortaleza, a quinta cidade do Brasil em termos de população, com mais de dois milhões de habitantes, possui mais de 300 núcleos de pobreza e miséria, totalizando 1/3 da população, conforme dados do Censo 2000 do IBGE (BARRETO, 2005).

Diógenes (1998) realizou um estudo em Fortaleza, problematizando a situação dos adolescentes que estão no contexto de rua, mostrando que muitos meninos e meninas vivem expostos a situação de completa vulnerabilidade e compõem a população excluída. Eles encontram na rua o lugar do aqui e agora.

As crises, os sofrimentos e as vitórias de cada pessoa em um grupo facilitam a construção gradual da consciência social, para que possamos descobrir as implicações sociais da gênese da miséria e do sofrimento humano. Só o

enfrentamento das dificuldades favorece aos oprimidos sobreviver através do tempo, assim, as dificuldades da própria doença podem funcionar como meio de superação de muitos problemas (BARRETO, 2005).

Na abordagem teórica de um conceito extraído da física, encontramos indicações de como superar e evoluir em momentos de extrema dificuldade. A resiliência, que representa “a capacidade de um sistema de superar o distúrbio por um fenômeno externo e inalterado”, é a capacidade de se recobrar, de se readaptar (ANTUNES, 2004, p. 13). É um valor, é a capacidade de vencer, apesar das dificuldades. Precisamos dar subsídios para que as pessoas que estão passando por algum momento difícil tenham coragem e condição de inverter este quadro (BARRETO, 2005).

Em nossa sociedade convivemos diretamente com crianças e adolescentes oriundos de famílias desprovidas das mínimas condições de sobrevivência, indivíduos que se encontram em desvantagem social. Estamos diante de preconceitos e discriminação social, fatores que rotulam e excluem estas pessoas de seus próprios meios: familiar e sociocultural.

A escola EDISCA estimula o desenvolvimento e o despertar na busca de novos horizontes de satisfação própria e retorno positivo para a sociedade, não só para os educandos, mas para todos os envolvidos. Tais satisfações podem ser traduzidas no atendimento das necessidades básicas do ser: alimentação, trabalho, lazer, moradia, dentre outras, o que implica em bem-estar individual e social.

As políticas públicas no Brasil, de uma forma geral, assumiram caráter compensatório, diante de uma sociedade de modelo econômico que evidencia as desigualdades sociais, representadas em recentes estudos pelo IBGE 2000 (PEREIRA; MARTINS, 2005).

As dificuldades financeiras devem ser encaradas como “problemas” de caráter público, para que possamos dar real importância e investir fortemente em suas adequações. Fechar os olhos diante de tamanhas barbaridades é difícil; impedir o coração de senti-las, impossível. Visualizamos, em nosso meio social, adolescentes em desvantagem social, buscando sobreviver com a mínima qualidade de vida, um cenário que nos traz os seguintes questionamentos: diante das atuais

condições de vida, que projeções estes adolescentes podem fazer em relação ao futuro? Quais as reais possibilidades de terem uma vida digna? Como incluir estes adolescentes em atividades que lhes possam promover uma melhor qualidade de vida? Ou simplesmente como garantir-lhes o direito de sonhar com um amanhã?

Adentrando nessas reflexões percebemos a necessidade de investigar e discutir sobre tais pontos, mediante dados empíricos que confrontem realidade e teoria. Buscamos compreender a possibilidade de dignificação da vida e estruturação do futuro na promoção social dos adolescentes participantes do corpo de baile da EDISCA.

Recorrendo ao Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, Lei Federal nº. 8069 de julho de 1990, que dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente, com um enfoque emancipador no atendimento de quem está privado de direitos, encontramos amparo legal para a idéia que defendemos (BRASIL, 1990).

O **ECA** determina que sejam deixados de lado: a generosidade, os favores, a demagogia e a submissão e que se façam valer o direito e a dignidade, merecimentos de todos os cidadãos (BRASIL, 1990). Há necessidade, portanto, de intensificar estas políticas sociais que preconizam o resgate do valor humano e a busca de igualdade de oportunidades a garantia dos direitos e dos deveres dos cidadãos, uma tentativa de minimizar esse quadro de exclusão social. Dessa maneira, é salutar buscar meios que proporcionem melhoria de vida dos adolescentes, no enfrentamento de situações sociais desfavoráveis.

A construção do pensamento científico mergulhado nas vivências do cotidiano nos traz reflexões que facilitam a sua validação na prática, pois o conhecimento deve ser pensado de forma dinâmica, sendo fundamental a interface com a realidade. Vislumbramos, a partir do desenvolvimento deste estudo, a oportunidade de construções teóricas, com possibilidade de gerar informações, novas idéias que venham subsidiar a atuação profissional e políticas públicas de atenção aos adolescentes.

Pesquisas que registram situações práticas são significativas no meio acadêmico para legitimar ações de intervenções profissionais juntos a essa clientela.

Nesse caso, almejando a promoção da saúde e a melhoria da qualidade de vida dos sujeitos adolescentes, pois acreditamos nos benefícios individuais e sociais, com a incorporação deste referencial.

Para realizar a pesquisa, delineamos o seguinte objetivo: **compreender as expectativas de vida e os sentimentos dos adolescentes participantes do corpo de baile da EDISCA.**

Na busca de um melhor entendimento dos caminhos necessários e alcance do objetivo pensado, desenhamos a pesquisa passo a passo, ora utilizando a razão, ora ouvindo a emoção, procurando não desviar do rumo ou fugir do foco. Através de uma pesquisa qualitativa, procuramos analisar as narrativas dos adolescentes e compreendê-las, a partir de uma interpretação hermenêutica, fundamentada pelos pensamentos de Paul Ricoeur.

Seguimos com a estruturação de um capítulo metodológico; um outro de análise dos resultados extraídos das experiências dos adolescentes - sujeitos do estudo; e, por último, as reflexões finais do estudo.

**A CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO:
DESENHO METODOLÓGICO**

2 A CONSTRUÇÃO DO ESPETÁCULO: DESENHO METODOLÓGICO

[...] só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

(SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 316)

Na busca de compreender as expectativas de vida e os sentimentos dos adolescentes participantes do corpo de baile da EDISCA, e tornar científico o essencial, recorreremos a uma abordagem qualitativa. Quando as cortinas se fecham e os aplausos silenciam, inicia-se um novo espetáculo, a construção de um futuro fora dos palcos, a dança da vida real. Quais as expectativas de vida dos adolescentes que participaram deste projeto?

Natureza do estudo

O estudo teve um desenho qualitativo com a intenção de interpretar acontecimentos expressos nos comportamentos e nas narrativas dos participantes da pesquisa. Foi fundamentado com o pensamento de Paul Ricoeur, filósofo francês que se preocupou em formular uma teoria da interpretação do ser com base na narrativa hermenêutica.

A pesquisa qualitativa foi escolhida por possibilitar a compreensão da relação da dança, com seus aspectos subjetivos implicados nas reações e atitudes dos sujeitos que estão inseridos em atividades sociais por meio da arte.

Segundo Polith e Hungler (1995), esse tipo de pesquisa costuma ser descrita de forma holística, pois envolve o indivíduo em seu ambiente, em sua complexidade. Para isso os pesquisadores coletam e analisam materiais pouco estruturados e narrativos, propiciando apreender um rico material de percepções e subjetividades dos sujeitos envolvidos. Os pesquisadores têm o máximo de envolvimento e tentam abarcar as experiências das pessoas estudadas, a fim de compreender algum sentido de uma experiência complexa, dinâmica e interpessoal.

Este tipo de pesquisa busca compreender subjetivamente a vida das pessoas, pois está relacionada aos significados que estas atribuem às suas experiências do mundo social e como percebem esse mundo, que sentido lhes dão. Em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (POPE; MAYS, 2005).

Encontramos em Caprara (2005) o pensamento de Ricoeur apresentando o conceito de fazer experiência como sendo algo que nos sucede e atinge, nos sobrevêm, nos derruba e transforma. Ele defende o significado da palavra fazer como sendo equivalente a suportar, receber o que nos vem ao encontro, integrando-nos à experiência que é efetuada ou não em nós mesmos.

Ricoeur, o filósofo que trouxe contribuições sobre a possibilidade de fornecer um contexto inteligível ao objeto, ou seja, buscar o sentido, interpretá-lo. Segundo o entendimento de Santana (2004), ele concentrou-se na interpretação textual como objetivo principal da hermenêutica, pensando que a interpretação implica a relação dialética entre explicação e compreensão, onde significam, respectivamente, análise de partes internas do texto e compreensão do todo em relação às partes.

Pensar em Ricoeur significa fazer ligação ao pensamento filosófico hermenêutico, à filosofia da vontade, à ética, à antropologia filosófica, à epistemologia, das ciências humanas, à filosofia do tempo e da narratividade, pois ele renova teorias da subjetividade, política e religião. O eixo de seu pensamento está relacionado à filosofia do agir, para o estabelecimento de um possível diálogo entre tradições filosóficas do passado e do presente. (LOGOS, 1989).

O referido filósofo toma como problema a hermenêutica, isto é, “a extração e interpretação do sentido”. Para ele, o símbolo exprime a nossa experiência fundamental e a nossa situação no ser, nos re-introduzindo no “estado nascente da linguagem”. Com isso, ele estrutura uma filosofia da linguagem capaz de elucidar as múltiplas funções do significado humano (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 236).

O termo hermenêutica, na filosofia grega, expressa a arte de interpretar. Com o passar do tempo adquiriu um significado mais amplo, indicando, no âmbito filosófico, diversas formas de teoria da interpretação. Os filósofos que pertencem a

esta linha de pensamento se ocupam da existência humana, não do ponto de vista da observação, mas da reflexão filosófica. Nesta perspectiva, o homem é considerado não somente enquanto organismo biológico, é algo mais (CAPRARA, 2003).

Segundo D'Alencar (2005) ao interpretar o pensamento de Ricoeur confirma que a hermenêutica remete a análise da multiplicidade dos significados, para um esclarecimento do que é confuso, escondido, fragmentado para que o pesquisador reconheça o significado da experiência de vida dos sujeitos, mediante as narrativas analisadas enquanto texto.

Para a compreensão dos sentidos, há um confronto entre várias idéias, expressadas através de linguagens. São as vozes de inúmeras pessoas, representadas através de suas histórias de vida (SPINK; MEDRADO, 1999).

Barreto e Moreira (1999) ressaltam a idéia de Ricoeur ao falarem que a linguagem é o elemento de expressão de todos os simbolismos, estando desta forma, símbolo e interpretação correlacionados sempre que houver a multiplicidade de sentido.

O conhecimento ontológico do homem e sua expressão nos atos vividos são referidos por Ricoeur (1983, p. XV), quando inspirado em Heidegger, apresenta seu conceito de experiência:

Fazer experiência de algo seja de uma coisa, de um homem, de um Deus, significa que algo nos sucede e atinge, nos sobrevêm, nos derruba e transforma. Nesta acepção a palavra fazer não significa exatamente que nós efetuamos, por nós mesmos, experiências: fazer significa, neste caso, suportar, sofrer, receber o que nos vem ao encontro, integrando-nos.

A descrição e interpretação da dança, vinculada a um projeto social que busca a promoção do ser, só pode ser compreendida nas experiências vividas, trazendo os adolescentes como centro, buscando sua singularidade, embora vivenciando situações comuns a outros adolescentes.

As narrativas permitem o acesso indireto às experiências dos outros, as quais são, por sua vez, interpretadas conforme nossas vivências. Assim, ao narrar suas experiências, os eventos passados vão sendo reconstruídos de uma maneira condizente com a compreensão atual (SILVA, 2001).

Sabemos, ainda, que as narrativas permitem ao pesquisador uma abordagem do mundo experimental do sujeito participante do estudo de modo abrangente, com a própria estruturação desse mundo (FLICK, 2004).

A dança em si proporciona momentos singulares, associados às outras experiências que devem ser retratadas pelos adolescentes, podem ser compreendidos pela abordagem qualitativa utilizando-se a descrição etnográfica e/ou narrativa de Paul Ricoeur. Ambas as estruturas teóricas metodológicas focalizam o ser como centro de suas narrativas, as visões de mundo por meio das quais estas pessoas estruturam suas experiências.

Ao iniciarmos o estudo, realizamos levantamento de literatura em meio eletrônico, dos periódicos nacionais dos últimos 05 (cinco) anos nas áreas de terapia ocupacional, enfermagem, psicologia e sociologia nas bases de dados Scielo (*Scientific Electronic Library Online*), Bireme (Biblioteca Virtual em Saúde) e Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciência da Saúde), páginas eletrônicas das revistas brasileiras e em bibliotecas locais (Universidade Estadual do Ceará – UECE e Universidade de Fortaleza – UNIFOR) e percebemos a escassez de literatura que contemplem o tema. Esta lacuna de conhecimento reforça a importância da construção deste estudo, situado no campo da saúde e da educação do adolescente em desvantagem social.

Cenário cultural do estudo

A pesquisa de campo se desenvolveu na EDISCA - escola de dança e integração social para criança e adolescente, instituição que atua em diversas linhas, direcionada por um centro, a escola de artes.

Descrevemos, a seguir, aspectos gerais dessa instituição, condensados a partir de observações diretas no campo e informações colhidas com os profissionais locais, em *folder* de divulgação – Anexo A e no livro: *EDISCA – a arte na construção do humano*, publicado em 2004, o qual apresenta a Escola e mostra os processos e resultados de seu trabalho.

A EDISCA foi criada em 1991, organização não-governamental sem fins lucrativos, que, assim como muitas outras organizações do terceiro setor, nasceu de uma forma não planejada. O caminho de estruturação da organização deu-se através da experiência artística da idealizadora, Dora Andrade, e das potencialidades percebidas nas crianças envolvidas no projeto. Somou-se a isso, um profundo sentimento de responsabilidade e compromisso social já presentes no grupo de bailarinos fundadores. O desejo de democratizar a arte e, através deste caminho, promover o desenvolvimento humano, tornou-se a “semente” do que no futuro viria a ser a EDISCA.

Hoje, a instituição se legitima em três dimensões de atuação: a primeira, no atendimento direto aos educandos e seus familiares nas áreas de arte, educação, nutrição e saúde; a segunda, na pesquisa, produção e sistematização do conhecimento gerado a partir da observação de sua *práxis*; e a terceira, na disseminação de sua tecnologia educacional estimulando e estruturando outras organizações que compartilham dos mesmos princípios.

O seu principal objetivo é educar para promover o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes em situação de dificuldade social, mantendo interseção com a família e a comunidade, através de uma pedagogia que tem a arte na centralidade do processo educativo para desenvolver habilidades e incorporar valores, aliado a um programa de atenção à saúde integral dos educandos.

A partir deste enfoque, a escola fomenta o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões: intelectual, corpórea, emocional e transcendental, tendo como principal objetivo formar pessoas sensíveis e com potências para lidar com as adversidades que a vida impõe.

Abrange linguagens da dança, teatro, música e artes visuais, como suporte para os processos educativos, que transcende o mero aprendizado de técnicas e métodos de criação e construção artística.

Esta diversidade artística permite a ampliação dos campos do saber, promovendo o conhecimento de si mesmo e o discernimento crítico, criativo e participativo destes adolescentes em suas questões contextuais. Há uma valorização ética e humanitária do ser, com ações educativas ancoradas na

pedagogia interdimensional e na educação para o desenvolvimento humano, levando a uma melhor qualidade de vida em família e em comunidade.

São desenvolvidas variadas atividades, dentre as quais podemos destacar: relacionadas à área artística (aulas de dança e ensaios dos balés; apresentações dos espetáculos; aulas de canto, ensaios do coral e apresentações; aulas de teatro e ensaios de esquetes construídos), relacionadas à área pedagógica (oficinas de estudo para educandos, informática educativa, narração de estórias, oficinas de leitura, alfabetização de crianças), relacionadas à área de convergência escola – família – comunidade (educação para a saúde, oficinas de estudo para familiares, círculos educativos para pais e familiares, oficinas de artes para a família, grupos de convivência para pais e alunos, alfabetização de adultos), relacionadas ao setor de saúde (atendimento médico e ambulatorial, atendimento odontológico, nutrição, grupo de orientação profissional, atendimento psicoterápico – individual e em grupo, grupo de orientação sexual, grupo de apoio a alunos em dificuldade de aprendizagem) e relacionadas à área de disseminação (residência social em arte e educação, *oscip* partilha, visitas e intercâmbios).

Atualmente são acompanhadas 420 crianças e adolescentes e atendidas direta e indiretamente 2.454 familiares em desvantagem social, advindos das quatro áreas de maior risco social em Fortaleza, sendo destacadas as que apresentavam um maior número de crianças em condição de vulnerabilidade: Mucuripe, Bom Jardim, Conjunto Palmeiras, Favela do Dendê e adjacências.

Os candidatos a entrar para a EDISCA passam por uma audição caso sejam moradores das comunidades atendidas, tenham entre sete e dez anos de idade, de ambos os sexos, possuam carência financeira constatada, demonstrem seu potencial e suas habilidades artísticas e que comprovem a necessidade de estudar na EDISCA.

Após admissão no teste o candidato passará por um período de experiência um mês, quando será avaliada a assiduidade, o rendimento, a aceitação das normas da Escola e a aprovação em exame médico.

Como foi nossa intenção destacar a dança dentre as outras atividades desenvolvidas na Instituição, realizamos a pesquisa com os participantes do corpo

de baile da Escola, grupo que representa a EDISCA, compondo o elenco dos espetáculos de dança.

Os encontros com os participantes do estudo para realização da pesquisa prática aconteceu em Fortaleza – Ceará – Brasil, na sede da EDISCA, localizada na Rua Des. Feliciano de Ataíde, 2309, Água Fria, CEP 60821-420.

Participantes do estudo

Na instituição são acompanhadas 420 (quatrocentos e vinte) crianças e adolescentes, 16 (dezesseis) adolescentes integram o corpo de baile da Escola e destes, 12 (doze) demonstraram interesse em participar do estudo. Foram escolhidos intencionalmente 09 (nove) adolescentes para constituir a amostragem do estudo, pois entendemos que este é um número significativo para atender a proposta do grupo focal. Com esse quantitativo incluímos aqueles que atendiam os critérios pré-estabelecidos na escolha dos participantes que foram: adolescentes de ambos os sexos, numa faixa etária entre quinze (15) e vinte (20) anos de idade completos; membros integrantes do corpo de baile da Escola; acompanhados pela EDISCA há pelo menos 12 meses; que desejaram participar da pesquisa e que os pais ou responsável legal (caso este seja menor de idade) permitiram, sem restrições, que os filhos participem da pesquisa. Os critérios de exclusão foram: não comparecer a, no mínimo, dois encontros, ou que decidirem desistir ao longo da pesquisa, por vontade própria ou dos pais ou responsáveis legais.

O convite foi feito a todos mediante apresentação e leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice A), quando os participantes aderiram de forma espontânea, mediante a assinatura desse termo. Os pais dos adolescentes menores de idade, também foram contatados e juntamente com os respectivos filhos receberam as mesmas informações, e tiveram a liberdade de aceitar ou não a participação do filho no estudo.

Na pesquisa os participantes foram definidos como “informantes-chaves” e “informantes-gerais”. Os primeiros foram aqueles que detiveram o essencial do

objeto a ser investigado; e os segundos, aqueles que forneceram dados complementares na compreensão do fenômeno (SANTANA, 2004).

A EDISCA valoriza a arte como atividade central para alcançar seus objetivos. Assim, não podemos excluir as outras modalidades artísticas: teatro, música e artes visuais, nem o suporte nos processos educacionais vislumbrados. Contudo, foi pretensão nossa, desde o início do estudo priorizar a dança dentre as demais atividades. Assim, escolhemos intencionalmente como informantes-chaves os adolescentes participantes do corpo de baile, pois eles priorizam a dança dentre as demais atividades vivenciadas na Escola.

Durante a construção do estudo, adentramos sutilmente no campo de pesquisa para que fosse possível, a partir de observações, perceber este ambiente como um todo e definir o que deveria ser documentado. Realizamos um treinamento com os observadores para que os focos da pesquisa fossem padronizados, e os aspectos relevantes intencionalmente apreendidos. O fim desta observação se deu com a saturação teórica, isto é, quando outras observações não trouxeram nenhum conhecimento adicional (FLICK, 2004).

Ainda em Flick (2004, p. 194) encontramos que:

O procedimento e interpretação de dados, assim como a integração de material adicional, é encerrado no momento em que se atinge a *saturação teórica*, ou seja, quando um avanço na codificação, um enriquecimento de categorias, etc., não proporcionarão nem serão a promessa de novos conhecimentos (FLICK, 2004, p.194).

A partir deste critério, definimos o número de informantes ao final do estudo, pois acreditamos que as narrativas das experiências passaram a se repetir quando o assunto em questão foi saturado, o que deu início ao processo de análise.

Para atender aos critérios éticos, os adolescentes não foram identificados por seus nomes e optamos em denominá-los com nomes de pássaros, por estarem todos engajados em atividades de dança, almejando liberdade e felicidade [como foi dito por eles], comparando-se aos pássaros. A escolha dos nomes fictícios foi feita com a participação deles, a partir de características particulares dos pássaros as quais eles se identificaram de alguma forma.

Um vôo de estréia: a descrição dos participantes

Pardal, 17 anos de idade, nasceu e reside em Fortaleza, no bairro Mucuripe, em casa própria, com outros seis moradores. É evangélica, praticante, a renda familiar média é de quatro salários mínimos, e tem renda própria – bolsa do corpo de baile da EDISCA. Cursa o 3º ano do 2º grau. Gosta de ir à praia e de sair com amigos.

O fato marcante de sua infância foi a partida de uma grande amiga. Ela foi embora e elas perderam o contato. Diz que até hoje sente falta dela, e que soube que ela está morando em outro estado.

Não refere fato marcante na sua adolescência.

Pardal, pássaro que tem bom convívio com humanos, é o nome fictício de uma adolescente de baixa estatura e muito simpática. Ora tímida, ora líder, é sempre disponível. Conhecida por todos, é muitas vezes motivo de gargalhadas. Participa do projeto há dez anos, talvez por isso seja bem articulada, e assume, em muitos momentos, o papel de líder do grupo, sem incomodar ninguém. Traz sempre os recados, e transmite informações importantes com responsabilidade.

Rouxinol, 20 anos de idade, nasceu e reside em Fortaleza, no bairro Passaré, em casa própria, com outros cinco moradores. É evangélico, não praticante, a renda familiar média é de dois salários mínimos, e tem renda própria – bolsa do corpo de baile da EDISCA. Concluíram o 3º ano do 2º grau completo, desde 2005. Gosta de sair com amigos, jogar vôlei e fazer musculação.

Diz que ainda criança, entrou para um projeto no seu bairro (Projeto Vila Olímpica) e logo se vinculou à dança de rua. O que mais marcou a sua infância foi sua 1ª apresentação de dança, uma apresentação de bairro.

Quando adolescente, seu sonho era ir a uma boate, queria conhecer pessoas, curtir a noite. Conta que conseguiu entrar na boate com 17 anos de idade.

Rouxinol é um pássaro admirado por seu canto. Na pesquisa é um adolescente disponível, simpático e tolerante. Que leva a vida a sério, tem bom

relacionamento e respeita seus colegas. Encara com profissionalismo suas atividades e investe nas oportunidades que tem.

Beija-flor, 15 anos de idade, nasceu e reside em Fortaleza, no bairro Jardim Iracema, em casa alugada, com outros seis moradores. É católica, praticante, a renda familiar média é de dois salários mínimos, e tem renda própria – bolsa do corpo de baile da EDISCA. Cursa o 1º ano do 2º grau completo. Gosta de ler, ouvir música e tomar banho de piscina.

Conta que o acontecimento mais marcante de sua infância foi ter entrado para a EDISCA, quando tinha oito anos de idade, e que mais importante da sua adolescência foi ter passado para o corpo de baile.

Beija-flor, um pássaro que se alimenta de néctar e é contemplado por todos, é, na pesquisa, uma adolescente linda! Simpática, participativa, tímida e sempre presente. Tem bom relacionamento com todos do grupo e está sempre sorrindo.

Canário, 18 anos de idade, nasceu e reside em Fortaleza, no bairro Bom Jardim, em casa própria, com outros quatro moradores. É católico, não praticante, a renda familiar média é de um salário mínimo, e tem renda própria – bolsa da Cia. de dança da EDISCA. Concluiu o 2º grau no início deste ano. Gosta de ler, estudar e ficar em casa.

Diz não lembrar de nenhum fato marcante em sua infância.

Já em sua adolescência, o que lhe marcou foi ter se descoberto como artista. Outra coisa importante foi a estruturação de sua família. Seus pais são separados e sua mãe sustentava filhos e netos (10 pessoas). Agora, são só 04, os outros saíram de casa e foram prover suas vidas.

Canário, um pássaro que chama atenção por seu colorido, no grupo é um adolescente de baixa estatura, simpático e disponível. Está sempre assumindo a liderança do grupo, sem incomodar ninguém. Demonstra interesse pelo que faz, e procura fazer com perfeição. Está na EDISCA há um ano e se relaciona bem com todos.

Coruja, 18 anos de idade, nasceu e reside em Fortaleza, no bairro Mucuripe, em casa própria, com outros cinco moradores. É católico, não praticante, a renda familiar média é de dois salários mínimos, e tem renda própria – bolsa do corpo de baile da EDISCA. Cursa o 2º ano do 2º grau. Gosta de jogar futebol, vôlei, ir à praia e conversar com os amigos.

Não relatou nenhum fato marcante de sua infância, e a sua adolescência foi marcada por sua entrada para a EDISCA (há um ano).

Coruja, pássaro discreto e silencioso, é um adolescente sempre calado, que só se manifesta quando solicitada a sua participação. Apresenta bom relacionamento com os outros, de forma tímida e discreta.

Patativa, 17 anos de idade, nasceu e reside em Fortaleza, no bairro Bom Jardim, em casa própria, com outros 02 (dois) moradores. É católico, não praticante, a renda familiar média inferior 01 (um) salário mínimo, e tem renda própria – bolsa da Cia. de dança da EDISCA. Cursa o 3º ano do 2º grau. Gosta de ir à praia, teatro, cinema e de ficar em casa.

Na sua infância, ele e sua irmã levaram um choque em uma cerca elétrica em casa e quase morreram (mostra a cicatriz na mão). Este foi o acontecimento mais marcante de sua infância, tinha apenas 07 anos quando isso lhe aconteceu.

Não lembrou de nenhum fato marcante de sua adolescência.

Patativa, pássaro de canto inesquecível, é aparentemente uma pessoa séria, sem muitos risos. Contudo, com uma mínima aproximação, percebemos um sorriso através do seu olhar. É responsável, disponível e leva tudo muito a sério. Tem bom relacionamento e respeita seus colegas.

Bem-te-vi, 15 anos de idade, nasceu em Icapuí e reside em Fortaleza, no bairro Vicente Pizon, em casa própria, com outros 05 (cinco) moradores. É católica, praticante, a renda familiar média 03 (três) salários mínimos, e tem renda própria – bolsa do corpo de baile da EDISCA. Cursa o 1º ano do 2º grau. Gosta de viajar, passear e ficar em casa.

Com oito anos de idade, fez o teste para entrar na EDISCA e conseguiu passar! Diz que isso é muito importante e que, sem dúvida, o que mais marcou a sua infância foi uma viagem que fez a Paris, pela Escola.

Em sua adolescência, o fato de sair de um colégio público e ganhar uma bolsa estudar em um colégio particular, por intermédio da EDISCA, fez tudo mudar!

Bem-te-vi, pássaro de canto belo e conhecido por todos, é no estudo uma adolescente muito simpática! Aparentemente tímida, mas logo rompe o silêncio e participa de maneira ativa da atividade envolvida. Sempre disponível, cooperativa e sorridente, encara a vida de frente, acredita em si mesma e demonstra garra e determinação.

Arara, 15 anos de idade, nasceu e reside em Fortaleza, no bairro Caça e Pesca, em casa alugada, com outros 03 (três) moradores. É católica, não praticante, a renda familiar média é de 02 (dois) salários mínimos, e tem renda própria – bolsa do corpo de baile da EDISCA. Cursa o 2º ano do 2º grau. Gosta de passear com os amigos, de ir ao cinema, viajar e ouvir música.

Quando tinha nove anos, seus pais se separaram. Agora já consegue falar sobre isso, mas antes não conseguia, chorava muito. Morou um tempo com o pai, agora está com a mãe, isso marcou a sua infância.

Na sua adolescência, entrou para a EDISCA. Diz que isso foi a melhor coisa que podia ter acontecido, pois foi aqui que conseguiu superar o problema da separação de seus pais, porque aqui não pensava nisso, aqui conseguia ficar feliz.

Arara, pássaro colorido, de preservação ameaçada, no grupo tem participação ativa. Na maior parte do tempo interage bem com seus colegas, de forma disciplinada. Fora da sala de aula e dos encontros do grupo focal, é mais comunicativa. Em alguns momentos assume papel de liderança. Sempre alegre, simpática e disponível.

Falcão, 16 anos de idade, nasceu e reside em Fortaleza, no bairro Bom Jardim, em casa própria, com outros 03 (três) moradores. É evangélico, não praticante, os pais estão desempregados, e ele tem renda própria – bolsa do corpo de baile da EDISCA. Cursa o 2º ano do 2º grau. Gosta de jogar vôlei e *handball*.

Em sua infância, um muro caiu no seu pé. Tinha 10 anos, mas não esquece disso, porque cortou e levou muitos pontos.

Desde criança, queria entrar na EDISCA, mas nunca tinha tido chance de tentar. Quando tinha 15 anos, ficou sabendo do teste. Só era para quem tinha de 07 a 14 anos, mesmo assim veio, conseguiu fazer e passou.

Falcão é um pássaro de vôo rápido, no grupo é um adolescente muito bonito, alto, sério e aparentemente tímido. Tem bom relacionamento com os colegas, embora permaneça calado boa parte do tempo. Quando necessário ou solicitado, participa de maneira satisfatória. Disponível e muito educado.

Procedimentos de coleta de informações

Para apreensão do objeto de estudo, utilizamos como técnicas de interação entre o pesquisador e os sujeitos envolvidos: grupo focal, entrevista semi-estruturada enriquecidos pela observação livre.

Considerando os grupos focais e as entrevistas a percepção teórica das ações, a **observação livre** pode ser considerada a percepção prática. Ambas nos deram subsídios para compreender as informações no contexto social do grupo em estudo, observando os adolescentes, da forma mais natural e livre possível. Procuramos apreender atentamente atitudes e comportamentos, que nortearam a análise e nos possibilitaram uma aproximação para compreensão dos aspectos narrados pelos sujeitos envolvidos (JACOBS; JACOBS, 2006).

Nas visitas iniciais, estivemos presente em salas de aula, de ensaios e em lugares comuns do pátio interno da Escola. Nestas ocasiões, havíamos sido apresentadas aos adolescentes, mas sem maiores formalidades. Com sutileza, estávamos adentrando no território deles, observando importantes aspectos vivenciais, desenhando e re-desenhando incansavelmente os rumos a serem tomados.

A inserção das pesquisadoras no campo de pesquisa se deu de forma gradual, carregando uma bagagem de teorias e práticas, de nossas vidas

profissionais e pessoais. Procuramos, lançando mão das estratégias necessárias e cabíveis, nos integrar ao grupo para que os vínculos fossem formados e o provável desconforto de estar sendo observado seja esquecido. Isso facilitou a fluidez da pesquisa e fez com que tudo ocorresse o mais natural possível, respeitando as premissas éticas que nos nortearam.

Chiesa; Ciampone (1999) declaram que a técnica de **grupo focal** é bastante indicada para pesquisas de campo, por, em pouco tempo e baixo custo, possibilitar um aprofundamento diversificado dos conteúdos relacionados ao tema de interesse.

É ainda uma técnica relevante para lidar com questões de saúde sob uma ótica social por se tratar do estudo de representações, de relações de diferentes grupos de profissionais e de vários processos de trabalho (MÉIER, 2003, *apud* PASCHOAL, 2004).

O grupo focal nos forneceu embasamento para a compreensão do pensamento dos adolescentes em relação à dança e às suas emoções, imersos em seus contextos sociais, entendendo, como Geertz, a importância de se valorizar as condutas, pois o autor ressalta que: “Como o pensamento é conduta as conseqüências do pensamento refletem, inevitavelmente, a qualidade do tipo de situação humana em que foram produzidas” (GEERTZ, 2001, p. 31).

O principal objetivo deste grupo foi a interação entre os participantes, o pesquisador e a coleta de informações, a partir da discussão com foco, e tópicos específicos e diretivos (IERVOLINO; PELICIONE, 2001).

Os encontros do grupo aconteceram na própria Instituição, em um local neutro, de fácil acesso, livre de ruídos, arejado, para que os participantes pudessem se organizar confortavelmente em círculo, todos ao alcance da vista de todos, facilitando a possibilidade de captação de expressões - verbal e não - verbal conforme sugerido por Méier; Kudlowiez (2003).

As **entrevistas semi-estruturadas** foram guiadas por um roteiro de questões fechadas e abertas, que exploraram o tema, norteadas pela discussão e

permitindo que os participantes manifestassem suas idéias com liberdade e detalhamento (POPE; MAYS, 2005).

Quando as entrevistas seguem o curso do contexto, ou seja, quando estão entranhadas com o objetivo central da pesquisa, elas são consideradas uma alternativa preferível e uma maneira bastante econômica de apreensão do objeto em estudo (FLICK, 2004).

Os instrumentos utilizados na coleta e registro de informações foram variados para apreender a multidimensionalidade do fenômeno estudado, assim, utilizamos: caderno de anotações, temário para o grupo focal – Apêndice B e roteiro semi-estruturado - Apêndice C.

Durante os encontros para a observação livre, registramos devidamente tudo o que consideramos relevante, para uma melhor associação com o ato interpretativo. No **caderno de anotações** foram registradas as observações durante os grupos focais, o mais rápido possível, para que o registro ocorresse de forma fiel e detalhada.

Gravamos e anotamos algumas observações geradas nos grupos focais, conforme esclarecido no TCLE, para que nada passasse despercebido, inclusive as pausas e os silêncios. O material gravado foi transcrito pela pesquisadora o mais rápido possível, para que nenhuma informação pudesse ser perdida.

Sobre o **temário** utilizado no grupo focal, Santana (2004) relata que é um importante instrumento que contém os temas relacionados com os objetivos da pesquisa. É uma lista de conceitos a serem explorados durante os grupos focais, a fim de facilitar a abertura, a ampliação e o aprofundamento da comunicação no grupo. O temário desta pesquisa enfocou questões como: Quais as expectativas que tinha da EDISCA antes de entrar para este projeto? Como você está se sentindo hoje? O que você espera do futuro, depois que sair da EDISCA?

A partir de algumas observações livres e participações da pesquisadora em grupos de convivência, nos apropriamos do contexto do estudo de forma ampla e rica em detalhes, adequamos nossas intenções e nossos passos, e definimos estes

temas, descartando qualquer outra necessidade de acrescentarmos e/ou modificarmos essas perguntas.

Após sucessivas idas ao campo e vários encontros com os adolescentes e os profissionais locais, sentimos que já era momento para iniciar uma aproximação mais formal com os adolescentes, que a princípio formariam um importante grupo de informantes-gerais, de onde sairia, posteriormente, um outro grupo, o de informantes-chaves.

Iniciamos, assim, um grupo de convivência, um momento de aproximação, entrosamento e percepções fundamentais para um desenho mais detalhado do percurso em campo.

Foram escolhidos intencionalmente, a partir dos critérios de inclusão previstos, 12 (doze) adolescentes que participaram dos grupos, e deste total 09 (nove) permaneceram fazendo parte dos critérios de inclusão e não passaram a fazer parte dos critérios de exclusão, caracterizando-se, assim, como informantes-chaves. Os grupos de convivência aconteceram com 08 (oito) encontros semanais e a duração de 01 (uma) hora cada.

Estes grupos de convivência também se tornaram um espaço de escuta e verbalização de conflitos, de dificuldades e de exemplos de superação e vitórias, sendo um importante momento de troca de experiências, informações pertinentes e fortalecimentos de vínculos e papéis na instituição, na família e na sociedade, como um todo. Foi um valioso momento de facilitação da estruturação do sujeito em suas relações interpessoais, pois a elaboração dos conteúdos internos, a partir do trabalho corporal, é resgatada e reforçada a cada vivência, em cada momento.

O **roteiro semi-estruturado** que foi utilizado na entrevista foi elaborado pela pesquisadora e aplicado de forma individualizada com cada um dos informantes-chaves do estudo, após a realização dos grupos focais. As questões do temário foram novamente discutidas, a partir de uma escuta direcionada a cada adolescente, até que fosse percebida saturação do conteúdo em questão. Também foram feitas perguntas sobre identificação pessoal, religião, moradia, condições sócio-econômicas e história de vida, de forma geral, para melhor descrição dos participantes do estudo.

Questões éticas

Ética é a parte da filosofia prática que proporciona uma reflexão sobre a moral, fundada num estudo metafísico das regras de conduta. Deseja a justiça e a harmonia e busca meios de alcançá-las. A bioética é a parte da ética referente aos seres vivos, e tem como princípios básicos a autonomia, a beneficência, a não-maleficência, a justiça e equidade (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996).

Esta pesquisa obedeceu aos devidos princípios descritos, respeitando a autonomia, pois os participantes foram protegidos e esclarecidos quanto ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido disciplinado pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde – Apêndice A, que afirma o direito moral dos envolvidos, com o esclarecimento para total compreensão dos benefícios, riscos e direitos garantidos aos mesmos. Aceitaram espontaneamente participar da pesquisa, sendo a autorização dada por escrito através do referido termo (BRASIL, 1996).

A beneficência foi respeitada, ao se minimizar os riscos e maximizar os benefícios como subsídio para ações de profissionais, gestores e base de políticas públicas; a não-maleficência foi sempre reforçada, sendo os possíveis danos previsíveis evitados, embora não houvesse nenhum risco previsto durante o desenvolvimento destas atividades, mas, cientes de que o próprio ato de refletir, recordar, criar expectativas, estabelecer relações podem oferecer o mínimo de risco, protegemos os participantes garantindo a todos, assistência por parte dos profissionais envolvidos em todos os passos da pesquisa.

A justiça e equidade nunca foram esquecidas, pois todos foram tratados com ética e alteridade, permanentemente reforçadas. Foram continuamente informados quanto à relevância social da pesquisa. As importantes contribuições que este trabalho possivelmente fornecerá à sociedade foram sempre reforçadas para os participantes, os possíveis riscos foram explicados e, foi assegurado que em qualquer momento os participantes poderiam sair do estudo, caso desejassem sem nenhum prejuízo à sua pessoa, o que não ocorreu em nenhum momento.

A pesquisa foi desenvolvida preservando os critérios éticos em todos os passos descritos, salvaguardando a identidade dos envolvidos e garantindo sigilo e

discrição das informações. A pesquisa foi encaminhada para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará e qualificada mediante banca examinadora, obtendo aprovação em ambos os casos.

Análise/interpretação das informações

A tentativa de descrever uma determinada realidade inserida em um contexto requer uma construção lenta e cuidadosa de todo o processo vivido. É um trabalho de muita dedicação, uma percepção aguçada da realidade circunstancial. Assim, a pesquisa qualitativa tem sido cada vez mais utilizada nas ciências sociais, para estudar os costumes e os comportamentos dos povos, imersos nas mais variadas culturas (POPE; MAYS, 2005).

O processo de análise teve início logo após o registro das primeiras observações e ocorreu de forma concomitante à coleta de informações, sendo organizada considerando a triangulação das técnicas de pesquisa utilizadas. Assim fizemos a análise do material colhido durante as observações livres, nos grupos focais e nas entrevistas individuais, buscando orientação no referencial teórico de Paul Ricoeur sobre análise de narrativa, ancorados na fenomenologia hermenêutica.

A **análise de narrativa** “busca revelar o significado da experiência vivida pelos sujeitos através da interpretação da narrativa de falas transformadas em texto” (SANTANA, 2004, p.63).

Para Ricoeur (1995), a interpretação está entre a linguagem e a vivência, sendo necessária uma série de conceitos interpretativos, entre os quais o distanciamento, a apropriação, a explicação, a compreensão. No distanciamento há a eliminação da idéia de que existe uma única forma de compreensão, pois a objetivação do texto diminui a intenção do autor, podendo haver vários significados e interpretações de um mesmo texto. A apropriação se dá quando o intérprete toma para si o significado de um texto, tornando-o algo familiar (CAPRARA, 2005).

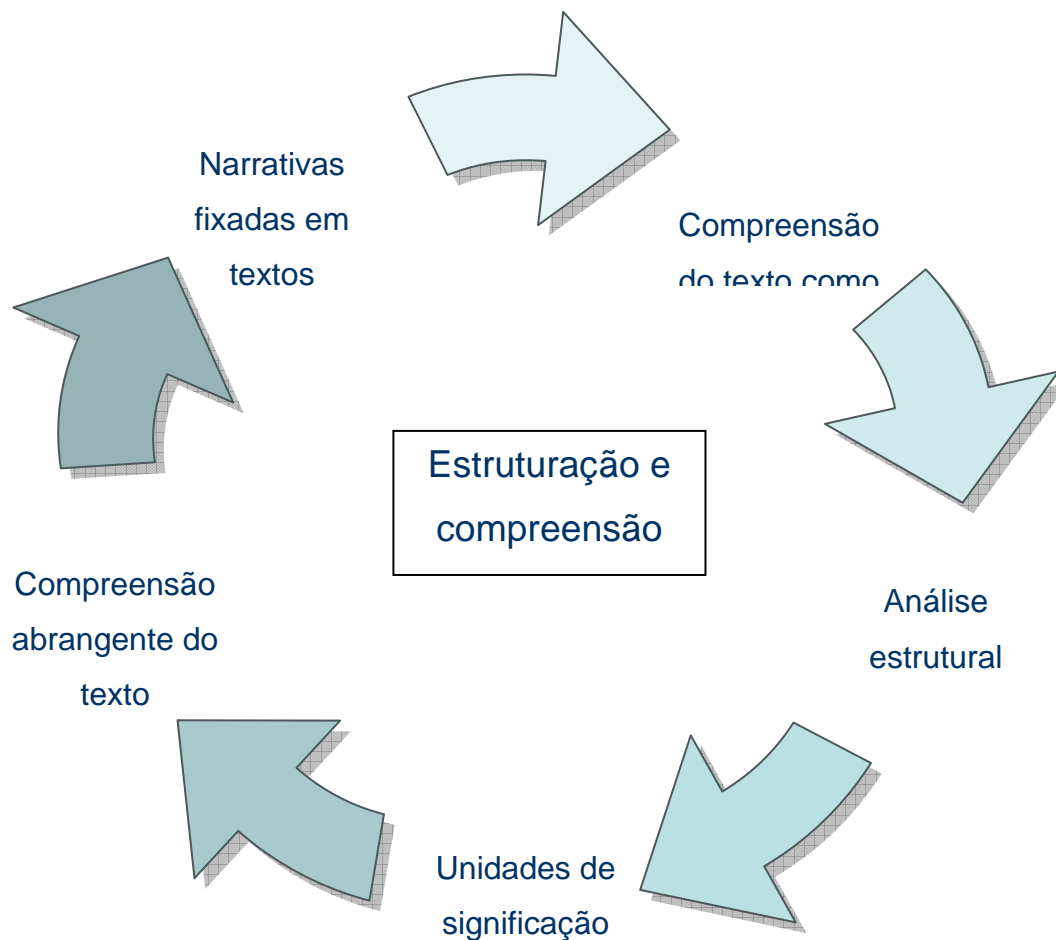
Para chegarmos à análise/interpretação foi necessário desenvolver algumas etapas: **fixação das narrativas como textos, leitura simples, análise**

estrutural e compreensão abrangente do texto, para a revelação do significado das experiências vividas pelos sujeitos.

Foram esses os passos descritos por D'Alencar (2005):

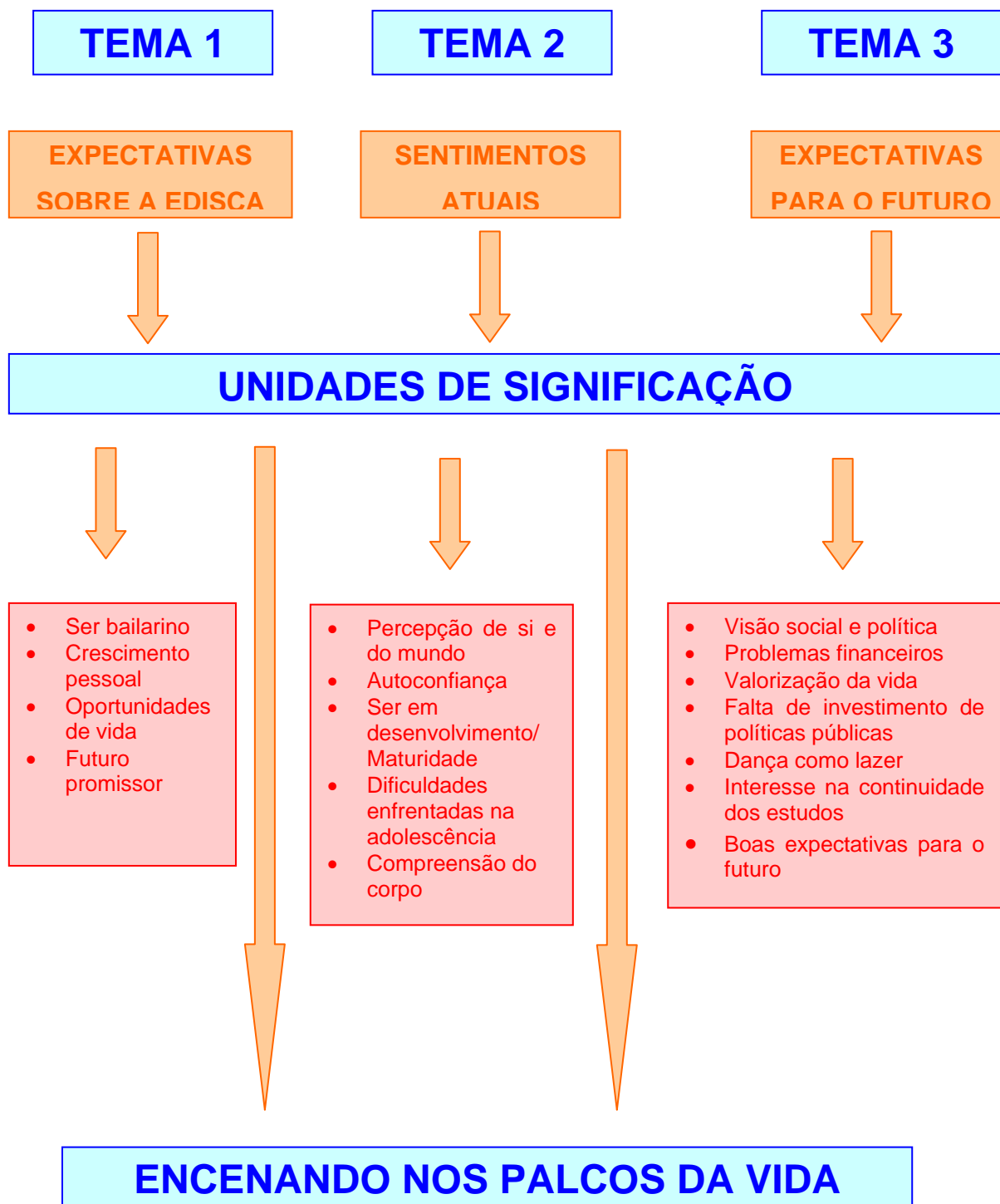
- A fixação das narrativas em texto – Captação das vivências dos adolescentes, por meio de observação livre, grupos focais e entrevistas semi-estruturadas, feita a transcrição dos discursos em texto, possibilitando uma posterior interpretação;
- A leitura simples do material – A qual permite a compreensão do significado do texto em sua totalidade;
 - A análise estrutural das narrativas – Conduzidas em direção à estrutura de cada texto, que nos proporcionaram o exame em termos de entidades distintas, as unidades de significado (segmentos do discurso explicativo no texto, que formam uma unidade de sentido) almejando explicar o que o discurso está dizendo. Posteriormente buscamos citações de autores que respaldam teoricamente os achados, dando, assim, o entendimento da narrativa;
 - A compreensão abrangente ou profunda – Possibilitando à compreensão do que o texto fala. Esse entendimento das narrativas nos fornece a certeza de que as histórias contadas revelam a importância dada àquela situação ou à experiência, o significado daquele evento na vida da pessoa.

O diagrama 1, abaixo, ilustra as etapas da estruturação e compreensão do texto, na tentativa de facilitar a compreensão do que foi dito.



Após a estruturação teórica inicial, buscamos compreender os fenômenos comuns relatados, sem esquecer que essas experiências singulares, contextualizadas nas interações pessoais, sociais e culturais nos revelam um processo contínuo de reconstrução, por vezes alterado.

O diagrama 2 demonstra esquematicamente a análise estrutural de narrativa dos adolescentes baseada na orientação de Paul Ricoeur (1990).



Inserção da pesquisadora nos cenários da pesquisa

- Que quer dizer “cativar”?
 - É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. “Significa criar laços”.
 - Criar laços?
 - Exatamente, disse a raposa. Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...
 - (...) se tu me cativas, minha vida será como que cheia de sol. Conhecerei um barulho de passos que será diferente dos outros (...) tu tens cabelos cor de ouro. Então será maravilhoso quando me tiveres cativado. O trigo que é dourado fará lembrar-me de ti. E eu amarei o barulho do vento no trigo ...
 - Por favor, cativa-me, disse ela.
 - Bem quisera, disse o príncipezinho, mas eu não tenho tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer.
 - A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo prontinho nas lojas (...).
 - Que é preciso fazer? Perguntou o príncipezinho.
 - É preciso ser paciente, respondeu a raposa. Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada (...) mas, cada dia, te sentarás mais perto...
- No dia seguinte o príncipezinho voltou.
- Teria sido melhor voltares à mesma hora, disse a raposa. Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz (...) é preciso ritos.
 - Que é rito? Perguntou o príncipezinho.
 - É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias; uma hora, das outras horas.
 - (...) tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.

(SAINT-EXUPÉRY, 2005, p. 316)

Imersos neste prazer processual, respeitando o distanciamento ético-científico, mas sentindo necessidade interior de uma aproximação gradativa, nos vimos diante de uma força maior de envolvimento sublime. Aproximamo-nos lentamente, cativamo-nos sinceramente, sentimos uma necessidade além, a de estreitar esses laços. Estabelecemos rituais e distribuimos atenção, carinho e afetividade. Gratuitamente oferecemos nossos olhos, ouvidos e corações, como possibilidade de tornar coletiva toda e qualquer necessidade de efetivação do estudo.

Partindo de alguns interesses comuns: o amor pela dança, a preocupação com o social e a crença na melhoria na condição de vida dos adolescentes, o estudo foi, pouco a pouco, ganhando forma.

O cenário [...] uma Instituição que se preocupa em oferecer estímulos e oportunidades a crianças e adolescentes, na perspectiva de integrá-los a sociedade de forma mais digna e justa.

O sonho [...] muitas vezes emocionada na platéia dos espetáculos, surgiu uma vontade de ir além, aproximar, conhecer, estar do outro lado, nos bastidores e adentrar a alma daqueles meninos e meninas, sentir com eles a emoção estampada e a embotada.

A tentativa [...] com uma ligação, marcamos o primeiro contato direto. Em dia e hora previstos encontramos com o diretor artístico da Escola, um dos responsáveis pela pesquisa e divulgação da Instituição. Nesta oportunidade, apresentamo-nos e mostramos-lhe a proposta de pesquisa, esclarecendo-lhe a relevância do estudo, e justificando com a sua importância.

A aceitação [...] logo a princípio a identificação com este diretor aconteceu. O interesse pela pesquisa e a aceitação da proposta foram o primeiro passo para a estruturação do estudo.

A qualificação [...] o projeto de pesquisa foi apreciado e aprovado pela banca examinadora e pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Estadual do Ceará, iniciamos, então as observações em campo, cumprindo programação prévia.

O apoio [...] desde às primeiras idas à EDISCA, fomos recebidas pelos profissionais que trabalham na instituição com atitudes de compreensão, disponibilidade e aceitação. Após conversas e acessos a materiais teóricos variados, entendemos com mais clareza importantes aspectos sobre a Escola, como: seus princípios filosóficos e sua estruturação organizacional. Isto facilitou a visualização do foco da pesquisa e o desenho de seu percurso.

**UM DESCORTINAR PARA A VIDA:
ADOLESCENTE, ARTE E SOCIEDADE**

3 UM DESCORTINAR PARA A VIDA: ADOLESCENTE, ARTE E SOCIEDADE

O contato com a linguagem sensível se relaciona, de modo singular, com a busca existencial, a partir da possibilidade que a linguagem propicia de configurar significados e permitir, mediante sua análise, um exercício de consciência individual.

(RAVENA; SAVIANI, 2004).

Analisar as informações textuais sobre a vida dos adolescentes integrantes do corpo de baile da EDISCA requereu um método que permitisse construções, desconstruções e reconstruções de uma realidade percebida através da compreensão das narrativas e outras manifestações dos sujeitos participantes do estudo. Assim, analisamos as informações apreendidas a partir de um olhar intencional, sob pontos relevantes das experiências narradas, estabelecendo uma comunicação com o referencial teórico.

O método escolhido para interpretar esta realidade foi a análise de narrativas, pautada na fenomenologia hermenêutica de Paul Ricoeur, que tem a interpretação como a arte de decifrar o sentido dos textos. Ele ampliou a idéia de texto para toda a objetificação da existência humana, afirmando que a vida humana é análoga a um texto e que seu sentido pode ser percebido através da interpretação (SCHRAMM, 2002). As experiências, embora não sejam compreendidas na sua totalidade, a sua significação poderá ser alcançada por intérpretes.

Seguindo essas orientações, fixamos as narrativas em textos, e destes abstraímos as unidades de significados, a partir de uma análise estrutural, buscando posteriormente uma compreensão das experiências vividas por estes sujeitos.

As unidades de significados, extraídas dos grupos focais e das entrevistas, indicam os sentidos fornecidos pelos adolescentes ao falarem de suas experiências. Portanto, a análise das diversas unidades de significados, permitiu a compreensão do fenômeno conforme o olhar das pesquisadoras. Importante salientar o pensamento de Geanellos (2000), ao ressaltar que este momento de interpretação representa uma ação interativa, em forma de espiral, indo das partes

para o todo, e do todo para as partes, compondo o círculo hermenêutico e possibilitando uma compreensão ampla e profunda.

Uma boa interpretação deve começar pela contextualização do autor, da obra e do leitor, condição necessária para adentrar no mundo dos adolescentes e sensibilizar intencionalmente os leitores. Sabemos ainda que a interpretação não busca a verdade, pois esta se vincula à realidade subjetiva de cada um. A interpretação focaliza a visão de mundo do intérprete, enquanto sujeito histórico, filosófico e cultural, buscando assim o sentido das coisas, nos contextos de vida (SCHRAMM, 2002).

Desse modo, entram em cena os adolescentes, artistas principais deste estudo, que retrataram seus pensamentos e suas vivências apresentadas nas **unidades de significados**, as quais se relacionam e se completam.

Tema 1 - Expectativa sobre a EDISCA

Por acreditar na possibilidade de transformação ativa do humano por intermédio da arte, buscamos nos aproximar das experiências vivenciadas por adolescentes inseridos em uma instituição que tem como finalidade principal o desenvolvimento e a integração social de crianças e adolescentes por meio da arte.

Apreendemos algumas ações percebidas na sutileza de cada movimento dos sujeitos atores e autores deste contexto e nos aspectos fundamentais que caracterizam a Escola de Dança e Integração Social para Criança e Adolescente – EDISCA. Esta entidade tem como principal objetivo: educar para promover o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes em situação de dificuldade social, mantendo interseção com a família e a comunidade, através de uma pedagogia que tem a arte na centralidade do processo educativo para desenvolver habilidades e incorporar valores, aliado a um programa de atenção à saúde integral dos educandos.

A partir deste enfoque, a escola procura possibilitar o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões: intelectual, corpórea, emocional e transcendental, para formar pessoas sensíveis e com potenciais para lidar com as adversidades que a vida impõe.

O resgate dos momentos vividos por esses adolescentes, antes de participarem deste projeto, foi narrado por eles e favoreceu o retorno de sensações, emoções e pensamentos que permearam as expectativas sobre a entrada na instituição, como o sonho de serem **grandes bailarinos**.

Meu sonho era ser um grande bailarino! Acreditava que era essa a minha chance. Tive medo, mas estava muito feliz (Coruja).

Só pensava em me tornar uma grande bailarina! Não sabia que a EDISCA era tudo isso [...] era muito criança (tinha só 08 anos) e não tinha a visão que tenho hoje (Bem-te-vi).

Em suas narrativas ressaltam que a EDISCA não prepara as pessoas só para serem artistas, mas para a vida, para aproveitar as oportunidades de **crescimento pessoal**.

Cheguei na EDISCA em busca de crescer com as pessoas, de fazer amizades e me dedicar à Escola. Queria muito dançar (Rouxinol).

Estava me descobrindo enquanto artista e queria me dedicar a essa descoberta. Não sabia como devia fazer para entrar aqui, mas queria ter uma formação em arte e um bom apoio educacional, queria me preparar melhor para a vida, e sabia que poderia encontrar isso aqui. Participava de um grupo de teatro, e viemos falar com a Dora. Na segunda tentativa ela aceitou assistir uma apresentação de uma peça nossa, aí deixou a gente se matricular, mas só para o teatro. No meu tempo livre assistia às aulas de dança, e a montagem das coreografias, aí fui falar com a Andréa e ela deixou eu me matricular na dança (Canário).

Queria entrar na EDISCA para receber boa formação e ser um bom bailarino. Também queria conhecer coisas novas e aprender muito (Coruja).

Os adolescentes falam sobre suas intenções de entrar na EDISCA, mostrando uma potencialidade artística a ser devidamente estimulada e possivelmente desenvolvida.

Uma inserção na EDISCA significa um mergulho no mundo da arte. É fundamental conhecer os seus postulados para que possamos perceber, com mais apropriação, as pretensões da referida escola. Além disso, torna-se fundamental entender os contextos aqui analisados, a partir dos conteúdos explorados nos textos produzidos pela referida instituição, em consonância com seus objetivos.

Esta Escola abrange a linguagem da dança, teatro, música e artes visuais, como suporte para os processos educativos, que transcende o mero aprendizado de técnicas e métodos de criação e construção de arte. Com esta diversidade artística pretende ampliar os campos do saber, promover o conhecimento de si mesmo e os discernimentos críticos, criativos e participativos destes adolescentes em suas questões contextuais. Há uma valorização ética e humanitária do ser com ações educativas ancoradas na pedagogia interdimensional e na educação para o desenvolvimento humano, almejando uma melhor qualidade de vida em família e em comunidade. Os adolescentes, expressando suas idéias, reforçam estes princípios.

Ao entrar na EDISCA pude saber o que é: amizade, união, companheirismo e muito mais. Tive mais oportunidades para aprender muito, ser eu mesma, me sentir realizada, saber me comunicar melhor, ser mais feliz, saber mais coisas da vida e sentir que eu posso conseguir. Viver a arte é acreditar que tudo é capaz! (Beija-flor).

Entendemos arte como sendo a capacidade criadora que tem o homem de materializar uma idéia e expressar sensações, carregadas de vivências pessoais e profundas (FERREIRA, 1988). Complementam Jacobs; Jacobs (2006) quando se referem à arte como sendo uma forma habilidosa de decorar ou ilustrar, com a utilização, ou não, de objetos geralmente fabricados manualmente com o uso de ferramentas e habilidades artísticas.

Tais conceitos nos fazem perceber que arte integra percepções, sensações e emoções, realçando um jeito de sentir e expressar determinada realidade, suprir necessidades. Envolve sentidos e significados, modelando a subjetividade de cada ser.

Em um breve percurso na história da arte, encontramos em Racena; Saviani (2004) que a arte se faz necessária para compreender a expressão da subjetividade humana através da cultura; a captação de gostos e idéias de uma época; a informação de grandes movimentos e o lugar do conhecimento humano que dialoga com as modificações simbólicas do pensamento coletivo por meio da visibilidade, pois, desde os primórdios da civilização, o homem tenta ordenar os fenômenos vividos, procurando sentido para construir conhecimento e elaborar o seu mundo.

Recuperar a história da arte, no ponto de vista plural, é buscar instalar um novo olhar para quem somos, de onde viemos e para onde vamos, como ressalta o sociólogo francês Francastel (1990), afirmando que:

Se soubermos ler as obras de arte, elas com certeza nos hão de ensinar coisas novas sobre a época que as produziram. Não há nenhum interesse em procurar simplesmente constatar o paralelismo entre as obras de uma época e a história dessa época, do modo como é possível escrevê-la a partir de outros materiais disponíveis. Mais exatamente esse paralelismo existe, porém a arte é um inventário tão preciso das atividades e das crenças de uma época, que podemos estabelecer como regra que um estudo bem conduzido a partir da obra deve necessariamente enriquecer e não apenas confirmar nossa experiência.

É necessário vivenciar a arte, para entender a capacidade criadora e perceptiva de todo ser humano, além de melhor delinear e fortalecer uma identidade pessoal, através de descobertas individuais, adoção de novas condutas ativas e re-interpretação do passado cultural de cada um e de todos nós, pois, segundo Ostrower (1987), “o homem cria não só porque gosta, mas porque precisa”.

Com isso, a arte e a criatividade vêm ganhando espaço e importância nos currículos escolares e sendo valorizado na sociedade pós-industrial, nas esferas de relações interpessoais, de vida cívica, e também no âmbito da vida produtiva. A criatividade é, em suma, a capacidade individual ou coletiva de concretizar idéias (EDISCA, 2004).

No livro de EDISCA (2004) podemos destacar a idéia de que a arte tem a capacidade de integrar as dimensões do ser, pois a educação em arte trabalha não só conhecimentos, métodos e técnicas, mas também trabalha desejos, crenças, valores, significados e sentimentos existenciais profundos, sem que uma destas dimensões reprima ou recalque as demais.

Podemos constatar nos discursos dos adolescentes os sentidos que dão a essa experiência vivida na EDISCA, demonstrando a **oportunidade de crescimento pessoal e enfretoamento da vida**.

Estar na EDISCA é mais do que aprender a dançar, representar, falar inglês. Estar aqui é sair preparado para viver a vida e aproveitar as oportunidades lá fora. Aqui não aprendemos só técnicas, saímos todos completamente diferentes do que entramos! (Canário).

Não esperava muito da EDISCA, vim fazer o teste a mando do coreógrafo de outra Cia. que dançava. Ele disse que todos nós fizéssemos o teste, e aí passei! Só criei expectativas depois de entrar aqui: pude acreditar que serei um grande bailarino, porque vi que as portas se abrem para a gente aqui, e resolvi aproveitar. Mais que isso, aprendi que a EDISCA não é só dançar, é muito mais (Rouxinol).

Mais do que a materialização de idéias, a arte é lugar de confirmação dos processos psicossociais de atribuição de valor do homem, sendo a própria experiência humana, o espaço no qual a arte toma corpo, e toma sentido, e dimensão. Uma representação variável segundo o momento de vida, quando a ótica do tempo se revela a partir de valores específicos para cada uma dessas épocas (FRANCASTEL, 1990).

Imersos na filosofia da Instituição, percebemos que a objetivação da arte e seus atributos para a promoção de vida dos adolescentes são reconhecidos por eles e leva-os a acreditar em um **futuro promissor**. Vemos claramente esta idéia expressa nas narrativas a seguir, o que facilita a compreensão do que vem sendo percorrido pelos participantes do estudo.

Quero mais oportunidades de vencer, estou tentando me conhecer melhor (Arara).

Quero crescer enquanto pessoa, ter um futuro promissor e ser uma pessoa feliz (Canário).

Meu maior sentimento é a vontade de crescer, crescer enquanto pessoa... quero melhorar (Coruja).

Sabe o que quero... construir o futuro! Conhecer pessoas e alcançar meus objetivos (Bem-te-vi).

Observando as narrativas podemos perceber as significações permeadas de crenças, desejos e sentimentos, expressas pelos adolescentes em suas expectativas, as quais confirmam os objetivos da instituição em relação à oportunidade de desenvolvimento pessoal e um futuro mais promissor.

A EDISCA valoriza a arte como atividade central para alcançar seus objetivos. Assim, não podemos excluir as outras modalidades artísticas: teatro, música e artes visuais, nem o suporte nos processos educacionais vislumbrados. Contudo, foi pretensão nossa, desde o início do estudo, priorizar a dança dentre as demais atividades. Assim, escolhemos intencionalmente como informantes-chaves,

os adolescentes participantes do corpo de baile, pois eles priorizam a dança dentre as outras atividades vivenciadas na Escola.

Desde 07 anos de idade dançava no meu bairro, festas do colégio. Todos os meus amigos estavam aqui e meu sonho era entrar também, queria muito conhecer a EDISCA porque sempre gostei de dançar (Falcão).

Na verdade entrei na EDISCA por folia, gostava de dançar. Achava que tudo seria de brincadeira. Quando vi que a coisa é séria, resolvi aproveitar, e levar a sério (Patativa).

Neste momento, focalizamos a dança como instrumento de dignificação do presente e promoção do futuro. Para facilitar a compreensão destes significados, apresentamos a dança em vários contextos socioculturais.

A palavra dança (*danza* ou *tanz*) derivada da raiz *tan*, em sânscrito significa “fusão”, por corresponder a um ato vivencial capaz de exprimir, com o máximo de intensidade e emoção, o homem em relação à natureza, à sociedade, aos deuses e ao futuro. É a variação no tempo e no espaço, com um ritmo pré-estabelecido e diferentes formas de movimentos (NANNI, 2003).

Nela o movimento pode ocorrer em diferentes intensidades de tempo e de espaço, numa composição de valores significativos e gestos elaborados com a combinação de técnicas corporais e de expressividade (PEREIRA; CANFIELD, 2001).

O homem primitivo dançava em situações festivas, como: união, nascimento, em momentos intuitivos, religiosos, defensivos, de agradecimento, reverência aos deuses. O homem dançava a cada manifestação da vida (NANNI, 2003).

Rangel (2002) relata que a dança contempla vários campos de atuação, tais como o ambiente terapêutico, o contexto folclórico e social, o meio religioso e o âmbito escolar. Podemos então pensar nesta como sendo uma representação da linguagem social do indivíduo, por está diretamente ligada aos aspectos culturais dos envolvidos. Quem dança resgata suas heranças sociais, reafirmando seu momento de vida e relembrando suas origens. É, pois, um modo amplo de viver as possibilidades do mundo, por facilitar a integração do indivíduo com o tempo, o conhecimento, a arte, a religião e com os outros.

A dança traz consigo duas fortes significações: por um lado assume uma face social, por outro uma face sagrada. Assume uma face social porque quem dança, geralmente dança com outras pessoas ou para outras pessoas, trazendo consigo toda uma bagagem sócio-cultural, com estilos de danças relacionados aos momentos de vida do indivíduo e dentro de seus aspectos culturais (CASTRO, 1992).

Um breve resgate histórico da dança mostra sua origem a partir de ato sagrado, onde os executantes pretendiam se comunicar imediatamente com um “espírito” e realizavam giros, os quais os levavam a um estado de transe, pois, como a construção anatômica destes homens, de milhares de anos atrás era análoga à nossa, os efeitos psicossomáticos desses giros eram: perda do sentido de localização no espaço, vertigem, uma espécie de desapossamento de si mesmo, um êxtase no sentido etimológico da palavra (BOURCIER, 1987).

A dança era uma ação espontânea e parte integrante da vida do homem primitivo, era um dom dos deuses e consagrada aos deuses que a criaram. Enquanto se dançava, os deuses eram homenageados, e isso era tido como uma forma de estabelecer um contato mais próximo com eles, uma comunicação, a partir das sensações de êxtase descritas acima.

Encontramos em Castro (1992) afirmações que o deus Shiva expressava sua arte através da dança, uma unidade orgânica do homem com a natureza. Esse mito mostra que, desde os primórdios da civilização, o homem dança, e este manifesto simbolizava: a magia, a religião, o trabalho, o amor, a morte, e estava diretamente ligada às características culturais daqueles povos e, mais que isso, a dança simbolizava a união do homem com seu próximo e consigo mesmo, principalmente quando dançava de forma grupal ou para os grupos sociais.

No período neolítico, a condição humana se transforma e o homem passa de predador para produtor, iniciando as práticas da agricultura e da pecuária. Com a organização dessas práticas, ele passa a dispor de reservas de alimentos e a adquirir bens. Estes aspectos determinaram, como consequência, que a população tendesse a aumentar, até mesmo para proteger os seus bens e necessitasse da organização de grupos mais poderosos do que a família. Assim nascem as cidades, com suas próprias divindades protetoras e ritos religiosos personalizados e, portanto, com suas danças próprias. Este aspecto mostra que a origem da dança teve fortes influências das questões religiosas, estando, muitas vezes, ligada à própria religião (CASTRO, 1992, p. 6).

Nos antigos impérios, a dança também se fazia presente. No Egito, ela era praticada amplamente, em forma de ato sagrado, litúrgico (principalmente liturgia funerária) e, também, como forma de recreação. A vida da corte exigia a dança para cortejo dos faraós. Os egípcios tinham gosto pela dança acrobática cuja prática também era apreciada pelos gregos.

Já entre os hebreus, era mais difícil encontrar alusões à dança, e ela surpreende por seu caráter paralitúrgico, não sendo inscrita no ritual das celebrações. O povo hebreu foi o único a não transformar sua dança em arte.

Em contrapartida, na arte grega, a dança era colocada como um dom dos deuses, desde seu nascimento até sua morte; a civilização grega foi completamente impregnada pela dança. Ela se fazia presente em ritos religiosos, cerimônias cívicas, festas, educação das crianças, treinamento militar, a vida cotidiana. A dança estava presente em toda parte (BOURCIER, 1987, p. 09).

Para os gregos, a dança representava a essência da religião e um meio de comunicação entre os imortais, mas só ao resgatarmos a civilização romana é que uma manifestação de dança, documentada, é encontrada.

Antes de cada batalha, os soldados romanos executavam danças guerreiras, nas quais pediam o apoio do deus da guerra, Marte, para a luta que iria iniciar. A princípio, essa dança era executada por sacerdotes e um pequeno número de iniciados; pouco a pouco, ela foi abrangendo outros grupos até ser dançada por boa parte dos soldados.

Através da dança, em cerimônias específicas, os deuses eram invocados nas diversas ocasiões como nascimentos, casamentos, colheitas, guerras, mortes, pedidos e agradecimentos. No princípio, só os sacerdotes participavam destas danças, as quais se popularizaram posteriormente (CASTRO, 1992).

Aproximadamente na mesma época, na Índia e na China existiam os serviços dos escravos-bailarinos que dançavam na corte para agradar soberanos e nobres. Os mais ricos assistiam a apresentações desses bailarinos como forma de divertimento; a dança não era tida como um momento de prazer por todos que dançavam, mas alguns desses bailarinos influenciaram diretamente a formação de grupos de pessoas que dançavam sem o caráter de obrigatoriedade, como é o caso

dos balés reais da Tailândia e do Camboja que descenderam desses grupos de escravos-bailarinos. Com o passar do tempo, esses bailarinos aperfeiçoaram suas exibições até chegarem às complicadíssimas coreografias atuais, cheias de símbolos e técnicas que tornam sua execução extremamente difícil e sem o real sentido da dança como atividade de auto-expressão (FARÓ, 1987).

Com o crescimento do cristianismo no ocidente, o corpo passou a ser desprezado e manteve-se encerrado e pervertido durante séculos. Acreditava-se que o mal estava na carne, e o bem, na alma; e essa idéia era difundida e defendida pela igreja católica.

Com a igreja pregando sua nova ideologia, a dança perdeu muitos de seus participantes, o que comprometeu seu crescimento e disseminação ao longo da história. Para a igreja, e seus seguidores, o corpo passou a ser um obstáculo à vida da alma. A carne foi condenada. Pregava-se que o corpo deveria ser ignorado e punido. Nessa atmosfera, a dança perdeu sua força e seu significado. A partir do século IV da era cristã, os imperadores cristãos condenaram o teatro e a dança (CASTRO, 1992).

Mesmo banida pela igreja, a tradição popular continuou a se utilizar das danças, denominadas ronda. Essas aconteciam de forma escondida, contando com pequenos grupos de participantes. Os seus principais participantes eram indivíduos de tribos pagãs. Desta forma, a dança seguia, devagar, com poucos participantes e em grupos sociais restritos.

Só no período do Renascimento é que os valores mundanos da vida e do corpo foram novamente exaltados. Isso contribuiu para o reaparecimento da dança, cuja evolução seguiu este trajeto: templo, aldeia, igreja, praça, salão e palco (CASTRO, 1992).

Entre os anos de 1651 e 1669, o rei Luís XIV deu novas formas à dança. Criou *L'Académie de Musique et de Danse*, que preparava músicos e bailarinos pelo real prazer, e não mais por obrigação (FARÓ, 1987).

É importante ressaltar que o balé originou-se do cerimonial da corte e dos divertimentos da aristocracia e, desde o seu início, apresentou uma série de

características e técnicas que o afastaram do significado essencial que a dança originalmente fornecia para o homem, principalmente com o significado de atividade auto-expressiva, instrumento favorável à canalização de conteúdos interno e externo dos indivíduos dançantes (NANNI, 2003).

A dança passou por consideráveis evoluções com o Renascimento, não só as que já foram mencionadas anteriormente, mas também no que diz respeito às estruturas arquitetônicas, nas quais o balé era dançado. A essência de seu conteúdo passou de sagrado para focalizar os aspectos sociais, e a estética geral dos espetáculos, tais como localização do palco, os trajes e os temas, sofreram modificações (CASTRO, 1992).

A perfeição da técnica tornou-se o principal objetivo. Com isso, o essencial passou a ser a clareza dos movimentos, o equilíbrio do dançarino e a ordem e disciplina geral, mesmo que isso levasse à rigidez de quem estivesse dançando, diminuindo ou até abolindo a possibilidade de expressão que a dança trazia. “A arte se separava da vida e de sua expressão” (GARAUDY, 1980, p. 32).

Com isso, a dança perde, de certa forma, seu aspecto de expressão do vivencial e passa a representar o técnico. Com a busca desse aprimoramento técnico, os bailarinos passaram a executar somente ações e movimentos específicos, sem expressão subjetiva. Esta prática durou até o início do século XX, tornando os espetáculos improdutivos e empobrecendo a experiência com a dança (CASTRO, 1992).

O balé clássico que representou a dança por alguns séculos afastou-se da função de expressão não-verbal, levando a significar uma linguagem morta.

No início do século XX, principalmente depois da grande marca, deixada pela Primeira Guerra Mundial, os bailarinos tiveram que criar novos meios de expressão para representar sua época e a si mesmos, assim a arte moderna passou a questionar a herança deixada pelo Renascimento, pois a grande marca deixada neste século não podia se expressar com esta linguagem morta (GARAUDY, 1980).

Contudo, foi a partir dos anos 30 que a dança moderna se consolidou, objetivando revelar a realidade e compreendendo seu papel na construção de uma

outra sociedade e de um outro mundo. Esta nova modalidade de dança teve como alguns de seus precursores importantes nomes que devemos ressaltar, como: Isadora Duncan, Ruth Saint-Denis, Ted Shawn e Martha Granham (CASTRO, 1992).

Com o advento da dança moderna a subjetividade do dançarino volta a ser extremamente importante e decisiva durante o ato de dançar. Os movimentos realizados passam a representar as questões internas do indivíduo em harmonia com o mundo externo que o cerca e influenciado por suas vivências anteriores. As atitudes dos dançarinos apresentam um significado superior à mera repetição de técnicas apreendidas.

Castro (1992) relata que:

... a dança moderna afirma o poder do corpo em mover-se a partir do referencial interno, dando ao movimento um caráter autônomo de forças e decisão. O movimento é expressivo de um significado interno. O centro gerador de todo movimento é o tronco (não mais os membros, como no balé clássico), a partir do qual a energia interna se expande em direção ao mundo exterior (CASTRO, 1992, p. 16).

Com o avanço cronológico, dentre outros trabalhos novos envolvendo a dança, surge a dança-terapia ressaltando a comunicação não-verbal. Esta nova modalidade de tratamento permite a utilização da dança, dando ênfase ao corpo e aos movimentos em substituição à comunicação puramente falada, respeitando, ainda, a subjetividade de cada indivíduo.

Esta terapia, que surgiu nos Estados Unidos, em 1930, tendo como precursora Marian Chace, é baseada na visão de que o indivíduo é um ser holístico, um todo que engloba psique-corpo, e que seus problemas psicológicos se manifestam fisicamente.

Reforçando a idéia da dança-terapia, Castro (1992) afirma que:

A expressão facial, a posição do corpo em relação ao espaço e aos gestos são formas de comunicação não-verbal que falam muito mais que o puro significado das palavras. O terapeuta que trabalha através da dança usa como instrumento o corpo e o movimento em vez da comunicação puramente verbal (CASTRO, 1992, p. 20).

Ao pensarmos nesta modalidade de terapia, remetemo-nos também a possibilidade de transformação dos potenciais adormecidos no corpo, quando este se movimenta, expressando uma linguagem não-verbal que vai produzindo mudanças psíquicas, além das corporais (FUX, 1988).

Na contemporaneidade, a dança volta a ser vista como possibilidade de integração entre o individual e o coletivo, a subjetividade e a cultura de toda a sociedade, como reafirmam os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1999):

A dança é uma forma de integração e expressão tanto individual quanto coletiva, em que o aluno exercita a atenção, a percepção, a colaboração e a solidariedade. A dança também é uma fonte de comunicação e de criação informada nas culturas [...] Contribui também para o desenvolvimento da criança ao que se refere à consciência e à construção de sua imagem corporal, aspectos que são fundamentais para seu crescimento individual e sua consciência social (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1999, p. 68).

Na história da dança brasileira para os indígenas e no candomblé existem marcas de uma vinculação com um ato religioso. Essa herança religiosa foi substituída, pouco a pouco, por manifestações populares, como é o caso do carnaval, que precede os 40 dias da Quaresma (CASTRO, 1992).

O carnaval é a maior festa popular, abrangendo todo o Brasil e reunindo variadas classes sociais, que dançam juntas. Outros aspectos que influenciaram nossas danças populares foram: o clima, os colonizadores, os escravos, o desenvolvimento social e cultural.

As primeiras companhias das quais temos notícia datam de 1823 e 1826, e eram formadas por grupos de franceses que se apresentaram no Rio de Janeiro; mas só em 1927 foi fundada neste estado a Primeira Escola Oficial de Dança. Nesta, o predomínio era do balé clássico internacional, sendo poucas vezes utilizadas músicas de compositores brasileiros.

O corpo de baile do Municipal de São Paulo só foi oficializado em 1968, paralelamente ao início do movimento moderno no Brasil. Neste mesmo período, o país vive o “milagre econômico” e traz de fora modelos de cultura, através de grandes meios de comunicação (CASTRO, 1992).

Posteriormente, na tentativa de organizar uma dança moderna, gestos e temas brasileiros foram introduzidos ao seu contexto artístico, como é o caso de referências ao carnaval, ao futebol, histórias retiradas da literatura e da dramaturgia. Os espetáculos também traziam momentos de movimentação dramática.

Nos anos 80, a dança moderna une-se ao teatro, e posteriormente surge a necessidade do aparecimento de mais um estilo de dança, a dança contemporânea, sendo esta representada por algumas tendências como o naturalismo dos corpos, ou seja, corpos não exercitados que substituem as técnicas por ações diárias, acrescido de muita emoção e com atitudes de revolta contra qualquer técnica ou por uma outra espécie de naturalismo, a do corpo exercitado.

Esse novo estilo da dança abrange grupos de profissionais e amadores, sendo testadas variadas técnicas de movimentação, que reforçam a linguagem da dança do homem brasileiro. É importante que alguns nomes sejam citados, como: Maria Duschenes, com suas danças corais, baseadas no método Laban; Ivaldo Bertazzo; Klauss Vianna; J. C. Violla e Naíza França (CASTRO, 1992).

Situar a dança nos dias atuais nos leva a pensar na EDISCA. Consagrada não só por seus profissionais, nem só por seus educandos. A Instituição vem sendo reconhecida em território nacional e internacional pela efetivação de seus objetivos junto ao público adolescente, trazendo uma relevante contribuição social.

As narrativas abaixo revelam reflexões dos adolescentes sobre as **possibilidades ofertadas pela EDISCA.**

Só pensava em conseguir vencer, porque entrar para a EDISCA é uma vitória. Fiz o primeiro teste e não passei, mas isso não me fez desistir! No dia do segundo teste fiquei sabendo (através de umas amigas da rua). Pedi o pai para fazer e ele não queria (acho que tinha medo que eu não passasse e sofresse), mas insisti até que ele deixou [...] e estou aqui, há 05 anos! Estava no momento mais triste da minha vida (separação dos meus pais), e vivi o momento mais feliz (entra para a EDISCA) [...] engraçado, não é?! (Arara).

Não queria vir, fiquei com medo, tinha só seis anos. Minhas irmãs estudavam aqui e uma delas me trouxe para fazer o teste, mas não fiz. Depois minha irmã me trouxe de novo, aí sim eu fiz o teste, passei e estou muito feliz por isso. Hoje sei como isso é importante para a minha vida (Pardal).

Meu sonho era estar aqui! Queria entrar para essa Escola e crescer, aprender tudo que pudesse aprender. Queria também ser reconhecida pelas pessoas, pelo meu esforço (Beija-flor).

Essas possibilidades também são confirmadas por pessoas que tiveram oportunidade de conhecer e/ ou participar do trabalho da EDISCA. Constatamos o reconhecimento daqueles que apóiam, incentivam e acreditam nos resultados da Instituição a partir dos depoimentos a seguir, retirados de um *folder* de divulgação da Escola – Anexo A.

A EDISCA é hoje um dos trabalhos mais qualificados no campo social, no campo da educação e no campo da arte que temos no Brasil (Viviane Senna – Presidente do Instituto Ayrton Senna).

O trabalho da EDISCA tem conteúdo ético e político que indica um caminho que pode ser o da regeneração política do Brasil (Ariano Suassuna – Teatrólogo e romancista).

No coração da EDISCA, muito mais do que a denúncia do velho, pulsa o anúncio do novo. O anúncio de um país possível, onde cada criança tenha direito de ser criança e onde cada adolescente possa olhar o futuro sem medo, porque está preparado para ele. O possível, sempre é bom lembrar, faz parte do real. [...] A EDISCA é contemporânea do futuro. É uma prefiguração (Antônio Carlos Gomes da Costa – Pedagogo e diretor-presidente da Modus Faciendi).

O magnífico trabalho que a EDISCA desenvolve só me faz acreditar mais nas pessoas, e cada vez mais que é possível (Rodrigo Pederneiras – Coreógrafo do Grupo Corpo).

Tema 2 - Sentimentos vivenciados: o hoje na EDISCA

Apreciando um espetáculo coisas inexplicáveis acontecem. Os olhares se fixam nas cenas, como se possível fosse enxergar além. Os sentidos são aguçados e, por alguns instantes, é como se o mundo parasse. Neste “espetáculo da vida” podemos destacar os artistas principais do estudo: **os adolescentes**. É importante contextualizarmos esta fase da vida para uma melhor compreensão de seus comportamentos, emoções e expectativas de futuro, indicados em suas narrativas.

A infância e a adolescência já foram por vezes confundidas. Até o século XVIII o fim da dependência era o limite entre estas duas fases. Os adolescentes eram tidos como pessoas de pouca idade, que exerciam funções sociais definidas (GUTIERA, 2003).

Não existia um destaque para este momento – o adolescer. Período de constituição de uma identidade e reorganização, em função de modificações corporais e fisiológicas, culturais e psicológicas que não eram respeitadas. Reconhecia-se apenas a puberdade, momento de desenvolvimento onde ocorrem as maiores mudanças físicas: crescimento dos pêlos, crescimento do corpo (certas áreas do corpo se tornam desproporcionais), aumento do peso, espinhas, mudança de voz, e, principalmente, as características que indicam o amadurecimento sexual: a ovulação e a espermatogênese (AVILA, 2005).

Segundo Airès (1986) o conceito de adolescência não aparece antes do final do século XVIII e não se difunde antes do século XX - *século do adolescente*.

A adolescência, portanto deve ser compreendida como um processo de transição biopsicossocial da infância para a idade adulta, onde estão presentes influências históricas e culturais na constituição do sujeito. As modificações subjetivas dos adolescentes ocorrem através da reformulação de fatores psicológicos internalizados, mas com uma forte influência dos aspectos culturais e sociais referentes ao “modelo” difundido na sociedade e, principalmente na mídia, além dos papéis atribuídos a cada gênero pela cultura. Sendo assim, parece errôneo falar-se de uma única “cultura adolescente”. A adolescência é antes um processo estruturante da identidade corporal, social, sexual e afetiva, do que apenas um momento de crises e revoltas (AVILA, 2005, p. 06).

Muitas mudanças podem ser percebidas durante este período. O espelho indica estas mudanças, que invadem e transformam o sujeito, trazendo consigo o medo da perda da condição de ser criança. Insegurança quanto ao amor recebido, a dependência e a proteção existentes, papéis estabelecidos e o desejo de autonomia e liberdade, que levam a comportamentos contrastantes. O adolescente oscila seu comportamento da criança para o adulto, e do adulto para a criança. A maioria das pessoas que convivem com eles também mudam a maneira de se relacionar, exigindo responsabilidades que ainda não foram ensinadas. Parece difícil reconhecer esses adolescentes como sujeitos crescidos, maduros, que merecem respeito quanto às suas opiniões e desejos (AVILA, 2005).

Passando pelo momento de transformação descrito, os adolescentes fazem referência sobre a **percepção de si** relacionando ao presente:

Hoje sei que mudei, me conheci , aumentei meu conhecimento de tudo e de mim mesma (Beija-flor)

A melhor forma de me expressar é com a paisagem de mar calmo, com **pássaros** e coqueiros. Sou tranqüilidade! (Coruja).

Sou como o mar, as vezes calmo; as vezes agitado (Falcão).

Me sinto alegre, sou delicada, gosto de dançar! (Bem-te-vi).

Como posso me representar... como uma paisagem: um sol brilhante, um mar tranqüilo e **pássaros** voando, porque é assim que sou: radiante, calmo e gosto da liberdade que tenho (Rouxinol).

Percebemos na adolescência um aumento da sensibilidade, um fortalecimento das capacidades e uma tomada consciente dos valores que moldarão a vida adulta, tais como: religião, família, condições sócio-econômicas, questões políticas e éticas. A imaginação e o pensamento também estão aumentados, funcionando como motivadores na construção de uma identidade pessoal e social (AVILA, 2005).

Os discursos a seguir reforçam a idéia acima, defendida pela autora. Os adolescentes mostram que têm um potencial a ser desenvolvido diante dos estímulos adequados.

Meu sentimento hoje é a vontade de aprender a lidar com o futuro... quero ter boas oportunidades (Falcão).

Eu tenho sede de aprender, quero ganhar dinheiro e conhecer outros mundos (Patativa).

Gosto de ajudar as pessoas a superar fases difíceis (Arara).

Sou batalhadora, levo a sério tudo e todos (Beija-flor).

Acho que não tenho qualidade nenhuma... tenho sim, tenho vontade de crescer na vida! (Pardal).

A possibilidade de uma leitura social da adolescência é trazida por Calligaris (2000), a partir de um referencial psicanalítico. Para ele há um culto à adolescência na modernidade, sendo o adolescente aquele que "interpreta" e realiza o desejo inconsciente do adulto moderno, por vivenciar o prazer pleno, com ausência de limites, como não é permitido ao adulto. Há uma concretização de desejos.

O mesmo autor oferece elementos culturais para a compreensão deste período, estendendo sua percepção para a influência da sociedade nas manifestações adolescentes e afirma que este período só existe porque a sociedade se nega em aceitar esse jovem como podendo ser responsável por seus atos. Para Calligaris (2000), a adolescência é um fenômeno contemporâneo, um período em

que se está pronto para relacionamentos amorosos e trabalho, mas necessita-se de tutela dos adultos. O papel do adolescente é, ainda, pouco definido, o que leva ao enfrentamento de dificuldades neste época de vida.

É difícil. A gente não saber o que deve ou não fazer de verdade. A criança pode tudo, nós não podemos nada, mas somos cobrados por todos os lados [...] não é fácil ser adolescente! (Pardal).

É tudo uma grande confusão, ainda não sabemos como fazer direito (Arara).

Sou muito esforçada e quero ser reconhecida por isso! (Beija-flor).

As afirmações levam a compreensão dos encontros e **dificuldades vivenciadas pelos adolescentes** na passagem para a vida adulta. Notoriamente há um descompasso entre as exigências impostas pela família e pela sociedade e a liberdade e autonomia desejada.

Na tentativa de buscar o reconhecimento dos adultos, os adolescentes se utilizam das transgressões. Transgredir talvez seja a forma encontrada para contradizer todas as expectativas que a sociedade deposita neles, a partir da escuta insistente que: “ser adolescente é ser problemático, é ser inconstante, é ser indeciso, é ser o “aborrecente”, aquele que ninguém tem paciência, que não quer ouvir, que só sabem cobrar e exigir”. Para saber o que querem dele, os adolescentes se sentem confusos: são cobranças constantes, um permanente mal estar e um corpo que parece não combinar com a cabeça. Não se pode ser adulto e não se é mais criança. A constituição da identidade do adolescente se estrutura com a sua inserção no mundo social dos adultos, através de modificações internas e reformulações (AVILA, 2005, p. 04).

Calligares (2000, p. 35) reforça esta idéia, afirmando que:

... a adolescência não é só o conjunto das vidas dos adolescentes. É também uma imagem ou uma série de imagens que muito pesa sobre a vida dos adolescentes. Eles transgridem para serem reconhecidos, e os adultos, para reconhecê-los, constroem visões da adolescência.

Percebemos que este período do desenvolvimento tem se prolongado à medida que as sociedades se tornam mais complexas. Os conflitos existenciais costumam aflorar como problemas entre o sujeito e os outros, agravados pela

indeterminação de um lugar no território social e pela falta de identidade própria (BOCK, 2005).

Contudo, acreditamos nas possibilidades de crescimento pessoal com a atenuação destes conflitos. Quando esta identidade adquire esboço e um papel social é assumido, os adolescentes demonstram claramente que carregam em si um enorme potencial.

As narrativas a seguir realçam esta idéia e indicam que a concretização de desejos leva à **autoconfiança**:

Acredito que a vida é como uma escada, com vários degraus que levam a uma porta, e atrás dessa porta tem mais degraus, que levam a outra porta [...] a gente sobe os degraus à medida que: se descobre, aprende, cresce a cada dia, recebe críticas construtivas, faz escolhas, consegue, se esforça [...] e o resultado disso é ultrapassar uma porta, e se preparar para uma outra etapa (Bem-te-vi).

No dia do meu teste eu estava muito nervoso e não estava muito confiante que iria passar, mas quando recebi o resultado, percebi que eu era capaz, e que não só eu era capaz, mas sim, todas as pessoas. Com esforço todos conseguem seus objetivos (Falcão).

Embarcando na filosofia da EDISCA, encontramos sustentação para a nossa crença de que a adolescência é realmente um terreno fértil. Na relação consigo mesmo parece emergir um intenso desejo de autocompreensão, auto-aceitação, auto-estima, autoproposição e autodeterminação, como forma sincera, e até instintiva de buscar a realização de seus próprios ideais e o alcance da plenitude do ser. Percebemos que este movimento de **encontro consigo mesmo** é anterior ao movimento de encontrar com os demais (EDISCA, 2004).

As pessoas não me conhecem, é preciso profundidade para me conhecer. A EDISCA me deu essa consciência (Pardal).

Depois que a gente sabe como fica diante das coisas da vida, é mais fácil até resolver os problemas (Arara).

Para que possamos ter bons frutos, precisamos escolher bem o terreno, cultivar a terra, arar o solo, demarcar a área, escolher boas sementes ou mudas, adubar e irrigar o solo, cuidar das plantas e colher os frutos com cuidado. Fazendo analogia a esta atividade, cuidar do desenvolvimento de adolescentes requer um processo similar. Escolher as pessoas, cuidar de suas necessidades mais básicas e

dar-lhes oportunidade de alcançar um desenvolvimento pleno é uma tarefa árdua, mas muito prazerosa. Impulsiona a vida, diminui angústias e nos possibilita ter bons frutos no futuro.

É importante nos preocuparmos com o desenvolvimento das competências de cada ser, o que não se relaciona apenas com o processo de aquisição do conteúdo aprendido no dia-a-dia, mas com a utilização de tudo que se detém ao longo da vida. É, portanto, a capacidade de aplicar o que foi aprendido em outras esferas, em outros momentos específicos e diversificado (EDISCA, 2004).

Os adolescentes expressam o vislumbre da **maturidade** como um processo em desenvolvimento, estimulado por uma pedagogia centrada na arte e por ações de âmbito social e cultural.

Hoje me sinto outra pessoa. Aqui a gente tem várias oportunidades para crescer na vida. A dança me trouxe isso. Consigo ter sucesso porque sei dançar. Também aprendi a ter responsabilidade na vida (Beija-flor).

A EDISCA investe em cada criança e adolescente como sendo pequenos universos ainda inexplorados e que carregam em si uma vastidão a ser conhecida, tocada, aprendida. Cada qual da sua maneira, cada qual no seu tempo, com suas vicissitudes e essências incomparáveis. Cada pequeno ser é potencialmente uma gigantesca possibilidade.

A EDISCA faz a gente mudar muito. Eu mudei muito aqui. Tive muitas oportunidades, tive muitas orientações. A prenda muito também com a dança, mudei meu modo de pensar, de agir, amadureci muito aqui! (Arara).

Viso novos horizontes... mudei... mudei muito... aprendi a pensar no futuro desde cedo, construir a cada dia o futuro. Me fiz forte e confiante, mudou tudo em minha vida, mudou para melhor. A EDISCA é tudo... é minha casa! (Bem-te-vi).

Imersos nestas transformações vivenciadas, acreditamos na importância de orientações e encaminhamentos para atividades que envolvam trabalhos corporais, intelectuais e sociais como meio de canalização de tensões e melhoramento da saúde física e mental (COSTA *et al*, 2004).

A partir dos discursos abaixo, percebemos a importância da **compreensão do corpo** na apropriação consciente de vidas.

Quando começo a trabalhar com o corpo, até os problemas vão embora (Patativa).

Trabalhar com o corpo é quase uma mágica! Através do corpo é possível tocar até no coração! (Canário).

Quando começo a me movimentar tudo se resolve. O prazer de dança é maior que tudo. Quando estou em cena então [...] parece que o tempo pára (Rouxinol).

O corpo tem ligação direta com a alma! (Bem-te-vi).

O trabalho corporal possibilita o autoconhecimento e a tomada de consciência do espaço circunstancial, do entorno, no processo de busca de auto-expressão (COSTA *et al.*, 2004). Corroborando com esse pensamento Ferioti (2001, p. 390) diz:

O corpo humano não é o organismo animal, em sua imediatez biológica. O animal é o seu corpo. O homem tem o seu corpo. (...) é a entrada da alma; a dor e o prazer, os fundamentos do pensamento. (...) é o lugar da batalha eterna entre *Eros* e *Tânatos*, as forças do amor, que fazem viver, e as forças do ódio que dilaceram. (...) O fato de o homem ser *dotado de corpo*, vivo, real, sensível e objetivo, com poderes naturais, significa ter *objetos reais e sensíveis* como objetos de seu ser, ou só poder expressar seu ser em objetos reais e sensíveis. Ser objetivo, natural, sensível e, ao mesmo tempo, ter objeto, natureza e sentidos fora de si mesmo, ou ser ele mesmo objeto, natureza e sentidos para um terceiro, é a mesma coisa... O homem, como ser sensível objetivo, é um ser *sofredor*, e, como sente seu sofrimento, um ser *apaixonado*. A paixão é o esforço das faculdades do homem para atingir seu objetivo (FERIOTI, 2001, p. 390).

Considerando a emergência da necessidade de discorrer sobre a categoria corpo para um melhor entendimento das nuances contidas nas entrelinhas das narrativas, trouxemos as idéias de alguns autores que discorrem sobre o assunto.

Para Liberman (2002) pensar em dança implica sentir o corpo de maneira transcendental, pois este constitui um indicador fundamental para o conhecimento da história do sujeito, seus modos de funcionamento de suas vidas cotidianas, suas dores, tensões e anseios.

Numa perspectiva de construção social podemos situar o corpo como interlocutor entre a mais íntima dimensão do ser e o mundo externo. É no estado da subjetividade que se ancora o sentido de corpo. O corpo no seu *locus* de produção é percebido como um conjunto de significados simbolicamente expressos, ou seja, nos diversos sistemas culturais.

Na Antiguidade e Idade Medieval, a representação dos corpos em esculturas não pretendia esculpir a fiel imagem do reverenciado, mas uma representação do mesmo. Eram ressaltadas formas indicativas de força e virilidade, conforme a posição ocupada pelo sujeito na hierarquia social. Em toda iconografia medieval cristã, o corpo santo do Cristo é expresso com feridas, exprimindo dor e sofrimento (FERREIRA, 1995).

Encontramos, ainda em Ferreira (1995), que na Europa, durante os séculos XII e XVIII, através de estudo histórico-antropológico, podemos observar que a crença difundida na época era de que os reis da França e Inglaterra tinham poder miraculoso de curar corpo com afecções de pele através de seu toque ou pelo simples contato com as suas vestes. Esse poder poderia ser realizado através do chamado Cerimonial do Toque.

A França definiu-se como nação através do imaginário do corpo simbólico. Na figura de Luiz XIV, o Rei Sol, na retratação de sua imagem cercava seu corpo uma aura mística, bem como todo o seu contorno. O corpo era ostensivamente luxuoso e inviolável (CASTRO, 1992).

Em meados do século XVI, negros foram trazidos da África para o Brasil como escravos. O tráfico negreiro havia se tornado uma atividade sistemática e lucrativa. Os próprios chefes das tribos africanas os trocavam por tecido, jóias, armas, tabaco, cachaça, dentre outros. Os escravos eram trocados e vendidos como mercadorias. A seleção de seus corpos permitia escolhas, por ser a estrutura física determinante de uma boa produção, e, conseqüentemente, lucro ou prejuízo para os patrões (PILETTI, 1996).

Já na sociedade moderna, Foucault (1984, np.) pontua que o corpo passa a ser percebido como construção e alvo de métodos de “disciplinarização” e “adestramento”. O autor nos remete à idéia da importância do “corpo social”, atingido através dos corpos individuais. É sobre esses que incidem as diversas práticas de construção que circunscrevem na relação de poder e saber.

No início do século XX, podemos considerar o Taylorismo como um dos instrumentos da burguesia capaz de transformar o corpo do trabalhador em produtivo, submisso e alienado ao trabalho. O corpo passou a ser um instrumento de

trabalho, de uma espécie de soldado, executor passivo das ações necessárias (ROCHA, 1991).

Na contemporaneidade, sob a ótica do capitalismo vigente, continuamos pensando no corpo como produtivo e consumista. É necessário ter habilidades e capacidades para ser enquadrado no mercado de trabalho.

Como consumistas, os indivíduos obedecem a padrões sociais, pois o investimento para a produção do material de consumo fica cada vez mais direcionado às necessidades básicas da sociedade.

Essa relação entre a produtividade e o consumismo é fundamental para que haja o lucro, o que acaba por reforçar a visão do corpo como objeto, um utensílio cuja preocupação primordial é o rendimento e a produtividade, visão esta que merece ser superada.

Preciso ganhar dinheiro, lutar pelo meu sustento, mas não quero deixar de lado a dança. Danço desde pequena e não consigo imaginar minha vida sem ela (Beija-flor).

Meu corpo tem que se movimentar. Não consigo viver sem arte. Sei que é difícil ganhar dinheiro dançando, mas não posso desistir de ser feliz (Canário).

Uma nova cartografia do social constituiu-se no ocidente nas últimas décadas, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Esta fragmentação não é apenas uma forma nova de subjetivação, mas a matéria-prima através da qual novas modalidades de subjetivação são forjadas. Nas diversas maneiras de construção da subjetividade, o eu se encontra em posição privilegiada, em contrapartida o que agora está em pauta é o autocentramento, que se conjuga de maneira paradoxal com o valor da exterioridade. A subjetividade assume, então, uma configuração decididamente estetizante, surgindo a cultura do narcisismo e do espetáculo, onde o que importa para a individualidade é a exaltação gloriosa do próprio eu (BIRMAN, 1999).

Se levarmos em consideração o caráter social, o corpo passa a ser visto como um reflexo da própria sociedade; este é capaz de articular significados sociais, e não ser apenas um receptáculo de processos exclusivamente biológicos. O corpo representa a sociedade, assim como a sociedade influencia diretamente na representação deste.

Não sei se é por causa da minha postura ou se é por causa do meu corpo, mas todo mundo que olha para mim diz que tenho cara de bailarina (Beija-flor).

É como se a gente levasse a dança marcada no corpo. Somos bailarinos dentro e fora da sala de aula (Rouxinol).

Até dentro do ônibus, em qualquer lugar me chamam de bailarina. Acho que é o meu corpo quem me entrega (Arara).

A dança me acompanha para onde eu vou. Até quando ando acho que danço! (Coruja).

Tem gente que diz que quer dançar só para ficar mais bonita. A dança traz tanta coisa boa que ficar bonita é o que menos importa (Bem-te-vi).

Toda descoberta consciente é sinal de amadurecimento. É uma transformação dentro de si e não no exterior. Para o adolescente a descoberta da potencialidade do seu próprio corpo repercute em suas ações diárias e em suas pretensões futuras. Somada à dança esta transformação possibilita uma percepção concreta de todo amadurecimento (BERTHERAT; BERNSTEIN, 2001).

Tema 3 - Expectativas para o futuro

Na tentativa de atender o objetivo do estudo e compreender as narrativas em questão, procuramos contextualizar o nosso momento de vida. Emergimos então na atual situação social em que estamos vivendo, quando importantes emoções podem ser percebidas. No entanto, para que estas sejam reconhecidas devemos mergulhar profundamente neste contexto (COSTA, 2005).

As transformações sociais nos levam a refletir sobre os rumos que a sociedade está tomando e sobre o que temos que enfrentar em decorrência desta situação. Do Livro da EDISCA (2004, p. 54) podemos destacar a seguinte idéia:

Mais do que uma época de crise, estamos vivendo a crise de uma época. A relação do ser humano consigo mesmo, com os outros homens, com a natureza e com a dimensão transcendente da vida está passando por amplas e profundas modificações.

A chegada do século XX trouxe dificuldades na melhoria para o desenvolvimento social. Passamos a enfrentar situações de guerras, falta de democracia, má distribuição de bens sociais, discriminação, desrespeito às diferenças,

incertezas, involução e inversão de valores. O enfrentamento deste caos levou a construção de pensamentos sociais hegemônicos e individualistas (COSTA, 2005).

Este contexto é analisado pelos adolescentes e expressa a **visão do social** de cada um deles:

As pessoas não pensam nos outros, cada um só olha para si mesmo (Canário).

A gente vive em um corre-corre tão grande que não dá tempo de estender a mão para quem está do lado (Arara).

Seria mais fácil se todo mundo ajudasse todo mundo a ser feliz [...] teríamos menos problemas! (Pardal).

Visualizamos nas falas dos adolescentes a percepção e a preocupação com a falta de solidariedade e afetividade entre as pessoas. Ao serem solicitados para discorrer sobre as expectativas de futuro, eles trazem suas idéias construídas.

O futuro começa a ser desenhado no presente. É hora de lavar o rosto, de tirar a fantasia. As cortinas foram fechadas e o espetáculo ganha um outro lugar. Entram em cena: danças de vidas reais...

Refletimos, então, sobre a idéia defendida por Jacobs; Jacobs (2006). Eles definem sociedade como a união de pessoas com propósitos, preocupações e crenças compartilhadas, que interagem entre si e constituem uma comunidade, com culturas variadas.

Japiassú; Marcondes (1996) destacam um outro aspecto sobre sociedade, indo além de um mero conjunto de indivíduos vivendo juntos, em um determinado lugar, e ressaltam a essência da existência de uma organização individual e mútua, de instituições e leis em comum.

Nesse contexto, os adolescentes expressam uma **visão social e política**, com consciência de seus direitos.

Deveriam respeitar o que está no papel. As leis são esquecidas e as pessoas corrompidas (Rouxinol).

Não quero deixar de acreditar nunca, por isso é tão importante trazer a arte para a vida da gente! (Beija-flor).

Ainda não sei com o que vou trabalhar, do jeito que as coisas andam [...] mas quero estar sempre envolvido com atividades culturais (Patativa).

O confronto de idéias e os conflitos mútuos nos arrastam cada vez mais para uma concepção individualista. Queremos fugir dos problemas sociais e nos enrolamos mais em nós mesmos, investindo em sonhos solitários e nos distanciando das ideologias comuns.

Acreditamos que o modernismo trouxe consigo tentativas de resgatar atitudes, contestar promessas descumpridas e esperanças frustradas (talvez como forma de protesto). Um grito silencioso de testemunhos serenos e palavras esquecidas (BAUMAN, 1998).

Deste modo, podemos resgatar no pensamento social dos adolescentes o significado das marcas dos **problemas financeiros** como barreira na construção do futuro. Para estes adolescentes conviver na EDISCA, ter oportunidade de se desenvolver é também um despertar na busca de novos horizontes que trazem satisfação para si e retorno para a sociedade. Tais satisfações podem ser traduzidas no atendimento das necessidades básicas do ser: alimentação, trabalho, lazer, moradia, dentre outras, o que implica em bem-estar individual e social.

A EDISCA abre os nossos olhos para as oportunidades da vida, para as coisas boas que a vida tem, e não para as ruins que a pobreza traz. Tem muito jovem e criança envolvido com drogas e violências (Beija-flor).

A falta de condições na vida é uma cena muito dura, e somos obrigados a viver com isso! (Canário).

É muito triste ver que tanta gente passa tanta necessidade! (Patativa).

A pobreza, para as sociedades modernas, não nos remete apenas a um estado de carência de bens materiais, mas corresponde a um *status* social específico, inferior e desvalorizado, que marca profundamente quem vive nessa condição. Podemos definir pobreza pelo comparativo a uma faixa de renda que cresce de acordo com o aumento da riqueza. Numa forma simplória, referimos que pobre é aquele que não tem o necessário ou só tem o suficiente para viver (PAUGAM, 2003).

Encontramos na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO (2006) uma análise mais completa desta condição de vida. Vimos que a pobreza pode ser entendida como um fenômeno amplo e pernicioso que interfere na estrutura de bem-estar e de participação no cotidiano

social. Abrange diversos fatores, não somente relacionados à falta de recursos, mas também à desigualdade na distribuição de renda, à vulnerabilidade, à violência, à discriminação, à ausência de dignidade e de políticas públicas sociais efetivas, enfim, à exclusão social.

A EDISCA se preocupa com o humano e com estas condições que atingem o social, pois discute que esta crise profunda vivida é resultante do desenvolvimento social desequilibrado ao longo do processo civilizatório, manifestado fenomenologicamente através de dinamismos econômicos, sociais, políticos e culturais que configuram esta crise (EDISCA, 2004).

Tais situações podem ser revertidas na luta pela conquista e empoderamento da plenitude dos direitos de cidadania para todos, pois empoderar uma pessoa é possibilitá-la ser ator, autor, protagonista de suas ações, usando seus recursos econômicos sociais, políticos e culturais para uma atuação responsável no espaço público, na defesa de seus direitos, influenciando as áreas do Estado na distribuição dos serviços e recursos públicos. Temos consciência que os movimentos sociais e as organizações populares são os principais agentes de transformação do Estado em um instrumento de erradicação da pobreza e da desigualdade do país (ROMANO e ANTUNES, 2002).

A construção do sujeito com possibilidade de autonomia é destacada no presente dos adolescentes e realça o **valor que eles dão à vida**.

A EDISCA é, para mim, um suporte. Hoje vejo outros horizontes, conheço meios novos para seguir pessoal e profissionalmente. Isso me levou também a um melhor desenvolvimento social (Canário).

A EDISCA salva muita gente... as pessoas aí fora fazem muitas coisas erradas, se envolvem com o que não deve, e jogam a vida fora. Aqui aprendemos a dar o valor que a vida tem e não entramos no mundo dos crimes, mundo onde estão muitos adolescentes hoje em dia (Rouxinol).

No Brasil, o capitalismo mostra grande concentração de renda em um reduzido grupo social. Esta desigualdade de distribuição de renda acarreta um aumento de grupos sociais taxados de pobres. Isto decorre de vícios das políticas sociais mal cumpridas pela dispersão dos objetivos, clientelismo e paternalismo, que fazem parte dessas políticas e desviam ou dificultam a emancipação social e

econômica da população de baixa renda. Os ricos são constantemente favorecidos e os pobres, que propiciam a maior arrecadação tributária, são afetados negativamente (POCHMANN *et. al.*, 2005).

A camada social menos favorecida tem tantas necessidades básicas distanciadas que se definem na condição de que o pobre está em constante estado de emergência, em virtude das más condições de vida, como: distribuição irregular de água, difícil acesso às unidades de saúde, exposição permanente a balas perdidas e ganho de sobrevivência num mercado informal com tendência à saturação (VALLA, 2003).

Paugam (2003) mostra a tentativa de cientistas sociais e sociólogos redefinirem o desenho tradicional, modificando a versão da pobreza. Chegaram à conclusão de que existe um limiar de quantidade quanto às necessidades de subsistência estão insatisfeitas, estando essa subsistência ligada à alimentação, habitação e vestimentas.

O Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil é de R\$ 1,94 trilhões, ocupando o 11º lugar na economia mundial. Esse índice é economicamente animador, mas estampa uma disparidade entre as condições sociais e econômicas da maioria de seus habitantes (ANANIAS, 2006).

Diante de tantas dificuldades, deparamo-nos com outras tantas necessidades, como: educação, saúde, habitação, lazer, emprego, segurança e cultura. É de fundamental importância que seja feito um esforço comum na tentativa de instrumentalizar estas necessidades, aumentando o índice de desenvolvimento humano, com medidas deliberadas como foro de troca de idéias sobre políticas, práticas sociais e educativas para o combate e erradicação da pobreza e o incentivo à promoção e inclusão social (LIMA, 2006).

Aqui na EDISCA somos vistos como gente! Aqui acreditam na gente, e isso faz com que a gente acredite também. Todo jovem deveria ter a chance de ter o que a gente tem. Será que essas pessoas que têm poder não conseguem ver isso? (Falcão).

Muitas pessoas que conheci quando era criança não estão tendo a oportunidade que estou tendo, aqui na EDISCA. Aqui a gente aprende o que é bom, tem chance de crescer com dignidade, só vai pro lado ruim se quiser. As outras pessoas também deveriam ter chance como essa. Com certeza iriam diminuir esses crimes, que só aumentam (Canário).

Neste sentido a EDISCA acredita que o “dinamismo das oportunidades é o portador do futuro”. No entanto este precisa ser reforçado para sobressair nas relações do ser humano consigo mesmo, com o social, com a natureza e com a dimensão transcendente da vida (EDISCA, 2004, p, 56).

A inclusão social é um grande desafio para o nosso país, historicamente possuímos uma característica maléfica de desigualdade social ao se tratar de distribuição de terras, do acesso ao serviço público, à cultura, a falta de acesso ao conhecimento científico e tecnológico, não atingindo somente aos pobres, mas a população como um todo. Incluir socialmente é propiciar condições para que todos possam viver com qualidade, como cidadãos plenos, dotados de conhecimentos, com participação política e consciente, contemplando uma sociedade justa (MOREIRA, 2006).

Trazemos também a idéia de promoção social como sendo um processo educativo, não formal, participativo e sistematizado, que visa o desenvolvimento de aptidões pessoais e sociais do cidadão e de sua família, numa perspectiva de maior qualidade de vida, consciência crítica e participação na vida da comunidade. As atividades de promoção social são agrupadas em grandes linhas de ação, tais como: educação, nutrição, artesanato, cultura, lazer, esporte, organização comunitária e saúde (BRASIL, 2006).

Acreditamos que na seriedade e na importância de instituições como a EDISCA na construção de uma sociedade mais digna e justa, que se utiliza da arte como instrumento transformador da vida, e encara a dança como forma de se desvencilhar dos grilhões impostos por uma sociedade menos justa do que deveria ser (EDISCA, 2004).

Os adolescentes dão significados a esta experiência, de cunho artístico, educacional e social e respaldam-se na legislação de proteção à criança e ao adolescente, demonstrando suas **visões e conscientizações políticas**.

As pessoas que têm poder, que fazem as leis, os políticos, sei lá... todos esses que fazer com que as coisas aconteçam, esses sim deveriam estar aqui, e em outros projetos como esse (a EDISCA), para que tudo de bom que temos aqui pudesse ser dado a todos que precisam... todo mundo precisa de amor, confiança, paz, estudo... (Patativa).

Não sei se mudei tanto, mas se não fosse isso aqui, poderia estar do outro lado envolvida com coisas ruins, sei lá, é tanta gente fazendo o que não presta! [...] Entrei aqui muito nova (Pardal).

Não é só porque somos adolescentes que não temos direitos! [...] Difícil é fazer com que eles sejam respeitados (Bem-te-vi).

Temos um Estatuto que não é cumprido. Isso dá cadeia! (risos) (Patativa).

O Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990, dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Coloca-os como sujeitos de direitos, resguardando sua condição peculiar de pessoas em desenvolvimento.

Conforme art. 3º da referida Lei:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 1990, p. 05)

Relembramos que o conteúdo acima é contemplado pela EDISCA e pode ser conferido nas premissas e questões filosóficas incansavelmente debatidas, e ressaltamos o pensamento abaixo como conteúdo confirmatório e complementar às pretensões deste estudo:

O terapeuta ocupacional tem aí um papel fundamental, na medida em que pode promover a reflexão acerca da visão de homem e sociedade, que o ECA propõe contribuindo para a discussão do contexto em que se determina sua aplicação. Pode buscar, através de sua intervenção, a modificação desse contexto, estabelecendo as “pontes”, que permitem a interação do que *está proposto*, com a *realidade* dessas crianças e adolescentes, qual seja, a de *direitos violados* (EL-KHATIB e BRAGATTO, 2000, p. 59).

Profissionais que atuam com esta visão e, de uma forma geral, cidadãos que defendem esta causa têm seguramente a possibilidade de se caracterizar por um “novo olhar” sobre estes adolescentes, possibilitando de maneira real a modificação de suas vidas.

É com esse olhar, ancorados na filosofia da EDISCA e respaldados por esta Lei, que acreditamos na real busca de ampliação das possibilidades dos adolescentes, para que possam se tornar, de fato, pessoas cidadãs, sujeitos de direitos.

Viver o mundo é poder destruí-lo e reconstruí-lo continuamente. E isso parece ser da ordem da tragédia, do destino, tal como é visto também por Freud. A apreensão diante da vida é, paradoxalmente, o seu objetivo. Destruímos-la e reconstruímos-la sempre. Não há computador que possa armazenar as técnicas dos fazeres humanos, pois o central, pelo que tem de disruptivo, em seu exílio, deve ser esquecido pelo homem, para ser lembrado com a cultura. E quem não lembra, repete (VALADARES, 1999, p. 01).

Encontramos no art. 4º do ECA que:

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissão, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 1990, p. 06).

Contudo, existe uma distância entre a lei e a vida prática das crianças e adolescentes no Brasil, uma **falta de investimento de políticas públicas** condizentes com a real necessidade populacional. O Estado, estância de maior responsabilidade com a promoção social, divide suas obrigações com empresas privadas, que se beneficiam com redução nas taxas de impostos pagas. Porém, há uma demanda crescente para o terceiro setor. Este vem sendo uma estratégia cabível e bastante utilizada atualmente na nossa sociedade.

O Estado faz parte do primeiro setor; as iniciativas privadas, do segundo; as organizações não-governamentais, sem fins lucrativos, caracterizam o terceiro setor (RUTHES & CUNHA, 2006).

Rodrigues (1998) evidencia que a sociedade civil entende o terceiro setor como uma organização que busca soluções próprias para as suas necessidades e problemas, fora de uma lógica de mercado e Estado.

Se não existissem lugares como a EDISCA não sei o que seria da gente! (Coruja).

Não dá para esperar pela boa vontade das pessoas que só tem palavras bonitas, mas não têm ação! Muito menos podemos esperar pelos políticos, que não tem nem uma coisa, nem a outra [...] o que salva a gente é um lugar assim (faz referência à Instituição) (Arara).

Aqui na EDISCA as coisas acontecem de verdade, deveriam existir mais locais como este para dar conta da falta de ações do governo (Falcão).

Encontramos em Ruthes e Cunha (2006, p. 796) que:

Atualmente o terceiro setor está se tornando cada vez mais importante para manter os diferentes interesses da sociedade dentro de uma só coesão. Vem despontando como uma área de reconhecida eficácia nos processos de gestão, principalmente no uso dos recursos. Assim, busca cada vez mais o aprimoramento de seus serviços através da qualificação de seus recursos humanos, fazendo com que as pessoas envolvidas neste setor procurem aperfeiçoar-se para tangibilizar o conhecimento. Desta forma, as inovações em gestão orientada para os resultados, tornam-se relevante para o desenvolvimento de competências gerenciais, visando o conhecimento, habilidades e atitudes no desempenho do gerenciamento destas organizações (RUTHES & CUNHA, 2006, p. 796).

As tendências modernas são de profissionalização do terceiro setor. Isto tem importante significado para os líderes dos processos de mudanças em nosso país (MEREGE, 2004).

A EDISCA, inserida como instituição do terceiro setor, investe nesta tendência. Nela os adolescentes são devidamente acolhidos e respeitados. Percebemos nas atitudes mais sutis dos profissionais, no reconhecimento dos educandos e nos princípios filosóficos da Escola, que acreditar no potencial de cada um deles e investir no desenvolvimento de suas competências pessoais, é o caminho mais saudável para gerar indivíduos com capacidade de criar uma trajetória singular que faça diferença no mundo (EDISCA, 2004).

A partir da construção dos sujeitos e da organização deles para o enfrentamento das dificuldades, observamos adaptações e determinação para assumir responsabilidades e indicar novos valores à vida, favorecendo o empoderamento destes adolescentes. Este dinamismo vai de uma boa percepção de si mesmo e do mundo à construção **de boas expectativas quanto ao futuro**.

Os referencias da Instituição estão em consonância com as definições da educação apresentadas no relatório da UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, organizado por Jacques Delors.

Do Livro da EDISCA destacamos resumidamente que quando olhamos as quatro aprendizagens da perspectiva do desenvolvimento do potencial das pessoas, aprender a ser (ser você mesmo e construir um projeto de vida), conviver (conviver com as diferenças, cultivando novas formas de participação social), conhecer (apropriar-se de seus instrumentos de conhecimento e usá-los para o bem comum) e

fazer (atuar produtivamente, facilitando o ingresso e a permanência no novo mundo do trabalho) podemos tomá-las como instrumentos de transformação de si mesmo e do mundo (EDISCA, 2004).

Aprender a ser (competências pessoais) é um potencial que exige aprendizado ao longo da vida, para ser desenvolvido. É a busca de autoconhecimento, um encontro consigo, à medida que uma pessoa se abre e se reconhece nas suas relações com o outro e nas ações do mundo (EDISCA, 2004).

Podemos perceber estas competências nos discursos a seguir:

Estou muito diferente. A EDISCA me preparou para o mundo lá fora! Aqui aprendi a vê a realidade e saber vivê-la [...] aprendi a ultrapassar todas as barreiras e a ser forte! (Bem-te-vi).

Quer que eu me defina? Hoje posso dizer que sou um adulto, um homem com ambições (Patativa).

Requer uma constante capacidade de transformação e habilidades para construção e reconstrução uma identidade singular, um projeto de vida, a partir do desenho de trajeto existencial único.

Para isso necessita de motivação individual, o que leva a realização de sonhos e um futuro desejado; autoproposição, ou seja, tornar possível a concretização deste sonho, e não transformá-lo em fantasia, uma idéia inalcançável; sentido da vida, uma projeção entre ser e querer ser; autodeterminação, escolher o caminho e segui-lo; auto-realização, cumprimento do seu papel; plenitude, um encontro entre o ser e o querer ser; e a resiliência (EDISCA, 2004).

A resiliência é entendida como autodeterminação e favorece o alcance da capacidade de resistir à adversidade, de não se deixar destruir nos períodos difíceis. Pessoas com esta qualidade crescem com os problemas, não são derrotadas pelas dificuldades. É a resistência a condições duríssimas e persistentes, diz respeito à capacidade de pessoas, grupos ou comunidades não só de resistir às adversidades, mas de utilizá-las em seus processos de desenvolvimento pessoal e crescimento social. Pode ser olhada de forma positiva – como um valor a construir – ou negativa – como uma característica a lamentar (ANTUNES, 2004).

A EDISCA é minha segunda casa, hoje me sinto muito bem, sei que não tem nada que me faça desistir, e sei que têm muitas coisas que posso fazer (Rouxinol).

Passei por muitas fases, isso que eles (os outros participantes) estão falando. A EDISCA já foi minha casa, agora é ambiente de trabalho, tiro meu sustento daqui (Patativa).

Vejo muitas coisas boas no meu caminho, e isso a EDISCA me ensinou a ver. É para isso que devemos abrir os olhos!!! (Bem-te-vi).

Tive várias mudanças. Hoje sou mais experiente, mais ativo. Sofri muito preconceito quando vim para cá, você sabe não é? As pessoas são muito preconceituosas com os homens que querem dançar. Mas hoje elas reconhecem meu trabalho e me fazem elogios (Coruja).

Há sim, ocorreram muitas mudanças. No início recebi críticas, ouvi piadinhas, porque perto da minha casa menino só podia jogar futebol, e pronto! Mas eles aprenderam que a proposta da EDISCA é transformar a vida das pessoas, por meio da dança e da arte. Hoje me respeitam, e até me pedem conselho! (Falcão).

Conhecer a si mesmo o primeiro passo para um bom relacionamento com os outros e com o mundo. Esta é uma nova etapa do desenvolvimento, conciliar os interesses pessoais com os coletivos.

Aprender a conviver, com suas competências relacionais, engloba dois níveis: interpessoal e social. O primeiro corresponde às relações com familiares e os amigos e os relacionamentos amorosos. O segundo nível, o social envolve os projetos coletivos, as relações com o país, com a cidade, com a cultura e com o ambiente. Conviver significa relacionar-se. Desenvolver esta competência permite trabalhar um potencial humano inato: o de estabelecer relações com os outros e com a sociedade (EDISCA, 2004).

Destacamos a narrativa de um adolescente que destaca esta idéia:

As pessoas que me criticaram no passado, hoje pedem meu conselho. Todos gostam de mim e respeitam a pessoa que me tornei (Coruja).

Não é tão fácil *conviver* em um mundo de competições e desigualdades. Questões como respeito, amor e solidariedade tornam-se fundamentais para a vida. Exercitar o reconhecimento do outro, enxergar além das aparências, compreendê-lo e aceitá-lo; o convívio com a diferença, crescendo com elas; a interação, estando

atento para o próximo; a comunicação, mediando a interação com linguagem verbal e não-verbal; a afetividade e a sexualidade, aprendendo a viver a intimidade, a cortejar e respeitar o outro e, por fim, é importante exercitarmos o convívio com o grupo, construindo e compartilhando estilos de vida, sonhos e projetos, pois em grupo pode-se ir muito mais longe (EDISCA, 2004).

A **continuidade dos estudos** e a possibilidade de uma **profissionalização** são vislumbradas pelos adolescentes, condição que traz uma consciência para a competência cognitiva.

Fundamental na inserção social é adquirir conhecimento. Aprender a conhecer é necessidade básica na nossa estruturação enquanto pessoa, cidadão e futuro profissional. Na “sociedade do conhecimento” temos que ser capazes de aprender sempre, em variadas situações, conhecer e dominar os processos de produção e gestão de conhecimento (EDISCA, 2004).

Assim expressa um adolescente:

Ocorreram grandes mudanças na minha vida. Hoje me sinto mais preparado para viver lá fora. A EDISCA não prepara as pessoas só para ser artista, mas sim para viver a vida, para saber procurar as oportunidades e saber ser vencedor! (Canário).

O amor pela arte, não mascara a dificuldade de sobreviver, na nossa sociedade, sem uma formação superior. Muitas narrativas apontaram para um interesse comum: fazer uma faculdade. No século XXI, a crescente demanda no mercado de trabalho indica a necessidade de uma mão-de-obra cada vez mais qualificada (AVILA, 2007).

Não quero deixar de dançar, quero fazer faculdade de jornalismo... ou educação física. Não gosto de permanecer numa coisa, gosto de mudar, de procurar coisas novas, me aperfeiçoar, me superar, a gente aprende isso aqui na EDISCA (Bem-te-vi).

Não sei do futuro, mas quero ir com a dança para onde ela for. Penso em ter uma carreira como historiador, porque em Fortaleza não se sobrevive de dança, infelizmente (Patativa).

Depois que sair da EDISCA ela vai continuar me ajudando, mas não quero a dança como profissão, quero ir para a filosofia, o jornalismo. Mas a arte não vai sair da minha vida nunca, vou continuar indo para teatro, danças (Canário)

Pretendo fazer faculdade de educação física para continuar a dança, mas para o meu sustento penso em fazer medicina. De qualquer jeito não posso me livrar da dança, comecei a dançar com 04 anos e não vejo a minha vida sem dança (Beija-flor).

Tenho muita coisa em mente: ser bailarino ou geógrafo. A dança tem um peso muito grande na minha vida, significa muito para mim, ainda estou pensando (Falcão).

Aprender a fazer é uma competência que agrega outros aprendizados fundamentais para a sobrevivência, e relaciona-se com o desenvolvimento da situação de ser produtivo no mundo. Isto, por sua vez, permite criar e realizar transformações em qualquer domínio: econômico, ambiental, social, político e cultural, conexões diretas com o mundo do trabalho (EDISCA, 2004).

As falas dos adolescentes trazem significados sobre esta compreensão.

Agora temos outra visão do mundo. Uma opinião mais firme sobre as coisas e as pessoas. Somos capazes de administrar nossas vidas com mais segurança (Patativa).

Digo que minha vida mudou da água pro vinho! Tenho ótimos professores, aulas de qualidade, muitos cursos. Fiz até um de áudio-visual, que queria muito! Já participei da organização de espetáculos, a ensaiar coreografias, já estou até começando a trabalhar com isso. Tudo aqui vai com certeza me ajudar lá fora (Rouxinol).

Dançar em outros palcos, carregar uma vasta bagagem de vivências e ensinamentos, disseminar a sua história e continuar a escrevê-la. Percebemos nas entrelinhas das narrativas que os relatos dos adolescentes estão em consonância com a filosofia de trabalho da EDISCA de “contribuir para a transformação necessária que conduzirá à garantia de dignidade humana a todo e qualquer brasileiro”. Certamente tais discursos estão influenciando na estruturação dos sujeitos adolescentes, pois quando as oportunidades existem e os processos são bem sucedidos, basta ternura e amor para restabelecer a circulação da vida nos corpos interrompidos, pois só no interior do próprio corpo, do corpo em movimento, vivo, é que se pode encontrar a força, a possibilidade de ser feliz (EDISCA, 2004, p. 146).

As oportunidades ofertadas pela EDISCA são promissoras, pois, conforme narra um adolescente, trazem **boas expectativas para o futuro**.

Não sei se a EDISCA vai me acompanhar, mas quero fazer muitas coisas. Tenho muitas idéias, não sei se vai dar tempo. A EDISCA tem um grande

peso na minha vida, as pessoas aqui reconhecem nosso trabalho e tenho certeza que vão nos estender a mão. Tenho muitas expectativas quanto ao futuro, e isso aqui (fazendo referência à Instituição) me influenciou com toda certeza (Rouxinol).

O dia-a-dia na Instituição, a participação nas atividades de arte, nos projetos pedagógicos e nas ações sociais culminam para uma preparação para o futuro desligamento com a Escola. Não é uma tarefa fácil, mas esse momento se dá de forma espontânea. Existe um regimento interno na instituição, mas normalmente, parte de cada um dos educandos a hora exata disso acontecer.

Penso que um dia vou ter que sair daqui, mas ainda não estou preparado. Só vai ser lá pra frente! [...] não sei como vou reagir, como vou me sentir, vai ser difícil. [...] Aqui eles acolhem a gente, aprendemos muito. Eles não ensinam só técnica, ensinam a gente a ser verdadeiros cidadãos! (Falcão).

Não penso em me desligar da EDISCA agora. Quero fazer muitos cursos e ser professor de dança. Quero aproveitar tudo que puder aqui, aprender mais ainda (Coruja).

Não penso coisa pequena [...] pretendo ficar mais uns anos aqui na EDISCA, e, quando sair, quero fazer jornalismo e continuar na área da dança. A dança é minha vida e não quero parar nunca! (Bem-te-vi).

A dança é algo que contamina, impregna, é amor incondicional. Contudo, choca com a realidade de vida. O retorno financeiro que um professor de dança recebe aqui em nosso país é inferior ao que deveria ser, especialmente em nosso estado. Porém a dança não deixa de ser paixão, é sacrificada, dá lugar a uma outra profissão, mas passa a ser atividade de lazer. **Dançar apenas como um complemento à vida** [se é que se pode dizer apenas!], retirando dos passos a essência de cada momento para transformar a vida em instantes únicos de felicidade (GUIMARÃES; SIMAS; FARIAS, 2003).

Não penso em sair daqui agora, e não tenho nada em mente. Sou muito comunicativa. Não quero abandonar a dança, mas quero ter outra profissão. No Ceará não dá para viver da dança, porque não temos muitas oportunidades. Penso em fazer jornalismo, turismo, sei lá. Queria muito entrar na EDISCA, isso aqui me deu base na vida. É como se fosse os meus degraus para eu subir na vida, crescer a cada dia (Arara).

Não penso nisso ainda, sei não [...] quero trabalhar, mas não com dança. Quero a dança só para mim. Sei lá [...] talvez trabalhar com áudio-visual [...] acho legal. Conheci isso aqui, fiz um curso. É a EDISCA é realmente muito importante na minha vida, conheci muita coisa aqui! Acho que daqui a uns

dois anos estarei pronta para sair da EDISCA, e quando sair, quero fazer muitos cursos, para ser boa no meu futuro trabalho (Pardal).

Não penso em me desligar daqui agora não! Só quando terminar meus estudos. Quero fazer direito ou jornalismo, porque não dá para viver de dança aqui no Ceará, mas não quero parar de dançar nunca, a dança é minha vida! (Beija-flor).

Enquanto para alguns parece distante o desligamento com a Escola, para outros é chegada a hora. Encarar o mercado de trabalho e pôr em prática a teoria acumulada é uma necessidade alcançada. Cientes da dificuldade que irão enfrentar, eles se mostram, agora, mais seguros e preparados. A vida chama! Um convite à realidade.

Estou me preparando para sair da EDISCA. No Brasil é tudo trocado. As pessoas que têm dinheiro estão nas universidades públicas porque se preparam, e as que não têm condições de pagar têm alguma chance de estudar nas particulares [...] mas não vou desistir, talvez faça filosofia. Não quero a dança como profissão, mas não quero parar de dançar. A arte é o meu suporte! (Canário).

Já penso no desligamento com a Escola. Vai ser difícil [...] mas vou saber desdobrar a situação, a gente sai daqui preparado para isso (Patativa).

Já penso no desligamento. Na verdade penso nisso desde que entrei. Já não era tão novo e sei que não dura para sempre. Não sei se vou ser bailarino, no Ceará é muito difícil trabalhar com dança. Não quero chegar num canto e parar, quero crescer mais, experimentar até me identificar com algo. Só sei que quero trabalhar com cultura! (Rouxinol).

As expectativas do futuro são permeadas de certezas e incertezas, configurando um espaço para reflexões do vir-a-ser. Há uma valorização das oportunidades vivenciadas na Instituição, que apontam para o encorajamento na transição entre o ideal e o real, ou seja, o abandono de condições idealizadas na Escola para a apropriação e concretização dos sonhos projetados no futuro.

**ENCENANDO NOS PALCOS DA VIDA:
COMPREENSÃO À LUZ DE PAUL RICOEUR**

4 ENCENANDO NOS PALCOS DA VIDA: COMPREENSÃO À LUZ DE PAUL RICOEUR

Visualizar a transformação ativa do humano, em um momento de vida que essencialmente carrega mudanças e redirecionamentos é um processo que requer sensibilidade, atenção e criatividade.

A intenção de compreender as expectativas de vida dos adolescentes participantes do corpo de baile da EDISCA é um convite ao mundo da arte, uma imersão numa instituição que focaliza o desenvolvimento e a integração social dos sujeitos envolvidos.

Partimos da busca de entendimento das expectativas dos adolescentes sobre a sua entrada na instituição, quais eram os sentimentos e o que esperavam da possibilidade de participar de um programa de investimento social. Apreendemos idéias e sentimentos que pairavam sobre eles, intenções e desejos de vivenciar e construir suas vidas a partir de condições e sonhos idealizados. Eles expressaram o interesse maior de re-significar o presente e re-desenhar o futuro.

A intenção de consagrar-se como grande bailarino serviu como atrativo e direcionamento de seus passos para a inserção na Escola e na tentativa do alcance de novas possibilidades dentro e fora da Instituição.

A vontade de buscar o crescimento pessoal também foi vislumbrada neste momento, pois o interesse em participar de um programa social que investe nas áreas artística, pedagógica, social e na convergência da triangulação entre família – escola – comunidade, leva a crer que a oportunidade de passar por vivências profundas provoca a modificação da essência de ser, conviver, fazer e conhecer, e induz o surgimento de novos sujeitos com corpos re-significados e almas aprimoradas.

Para eles, acreditar no alcance de novas oportunidades de vida se tornou possível. Vários caminhos foram desenhados e o que era sonho ganhou uma outra dimensão, aproximando-se de uma realidade que, embora cheia de percalços, tinha

um colorido especial, pois novos horizontes se abriam e um leque de possibilidades de melhoramento e crescimento pessoal parecia existir.

Sonhar com um futuro promissor a partir da efetivação na EDISCA também era expectativa da maioria dos adolescentes. A possibilidade de se tornar sujeitos mais preparados e fortalecidos para enfrentar as barreiras da vida foi percebida como consequência dos que vivenciam as atividades da Escola, como dito por eles que o maior desejo é construir o futuro, conhecer pessoas e alcançar os objetivos de vida.

Entrar para a EDISCA foi o primeiro passo. Nossa pretensão agora é procurar perceber como estes adolescentes estão se sentindo, o que estão vivenciando hoje, e como estão administrando as competências apreendidas. Novos contatos, movimento corporal refinado, incorporação de novos valores, o que passa na mente e no coração desses jovens, e como isto interfere em seus comportamentos e atitudes.

Estas indagações não foram esgotadas, mas nos deram subsídios para refletir sobre questionamentos iniciais e indicaram importantes caminhos a serem explorados.

Conhecer a si mesmo é fundamental para o conhecimento dos outros e do entorno. A Escola desenvolve este princípio e investe na percepção de si e do mundo como base na construção do humano.

Em consequência do autoconhecimento, vislumbramos a possibilidade de desenvolver a autoconfiança. Passo indispensável na organização do presente, estruturação de sonhos e projeções do futuro. Confiar em si mesmo é importante em momentos de enfrentamento das dificuldades da vida e na crença permanente da obtenção de sucesso e conquistas do vir-a-ser.

Porém, não é fácil se equilibrar em um momento de turbulência. A adolescência por si só é um período de transformações, refletidas no espelho e expressas através de emoções e sentimentos. No entanto, um investimento adequado e oportunidades corretas levam a um melhor enfrentamento destas dificuldades.

O corpo é um importante instrumento de comunicação com as emoções e sentimentos. Nele podemos concretizar o que é abstrato e melhor elaborar os problemas. Uma boa compreensão do corpo também facilita a superação das adversidades da vida e a realização dos sonhos.

Com o alcance destas etapas, vislumbrar o desenvolvimento do ser de forma processual e gradativa é possível. A maturidade é vista em cada palavra dita, em cada silêncio significativo e em cada gesto diário. Estes adolescentes se transformam pouco a pouco em sujeitos mais preparados para viver suas vidas com autonomia e satisfação, como foi demonstrado por eles quando narraram que mudaram o jeito de pensar, de agir, fortaleceram-se e passaram a investir no futuro, a construí-lo a cada dia.

Conhecendo os sentimentos de hoje, partimos para uma outra compreensão. Quais as expectativas de vida dos adolescentes participantes do corpo de baile da EDISCA? Eles projetam ou não para o futuro os conteúdos apreendidos e vivenciados na Instituição?

Quando pensam e falam sobre o futuro os adolescentes mostram ter uma visão social e política amadurecida. Passam por problemas financeiros, relatam que isto é uma barreira a ser ultrapassada diariamente e demonstram sucesso no alcance dos objetivos traçados.

Apontam para a falta de investimento em políticas públicas adequadas às necessidades deles como algo que existe e precisa ser superado, pois são conscientes do distanciamento entre a vida prática e as leis.

Diante desta realidade, a paixão pela dança não impede que a necessidade de uma profissionalização e qualificação profissional seja vista. A dança é mantida como atividade de lazer.

Portanto, apreendemos nas ações percebidas na sutileza de cada movimento que os adolescentes, artistas principais deste estudo, estão estruturando o futuro a partir de suas oportunidades e vivências no presente, e que demonstram ter boas expectativas de vida após o momento de desligamento com a EDISCA.

**QUANDO AS CORTINAS SE FECHAM: REFLEXÕES
SOBRE O ESTUDO**

5 QUANDO AS CORTINAS SE FECHAM: REFLEXÕES SOBRE O ESTUDO

Foi um longo espetáculo, um caminho de idas e voltas. Sem perder os fios, construímos uma rede de significações, alinhavando subjetividades e imprimindo nossas marcas. Foi preciso coragem, resistência e determinação para iniciar o trabalho e para continuar seguindo até este momento. Foi confuso compreender como podemos avançar e nos aproximar do início, pois descobrimos que somos o nosso próprio objetivo e o nosso maior obstáculo. O tempo foi passando; a pesquisa, ganhando forma, e percebemos que evoluir é simplesmente ir de começo em começo.

Saindo das platéias dos espetáculos e sentindo verdadeiras emoções, imergimos na necessidade de ir um pouco mais além, de adentrar no mundo da EDISCA, através da magia da dança; de conhecer sutil e verdadeiramente corpo e alma dos adolescentes, integrantes de um projeto de valorização do humano por intermédio da arte.

Foram incessantes momentos de construções e desconstruções, mergulhadas no mais puro prazer processual. Diante das construções iniciais, seguindo modelos teóricos e metodológicos, o desenho da pesquisa foi ganhando forma e pudemos dar nossos primeiros passos, percebendo sempre as adequações necessárias que afloravam do campo e dos sujeitos.

Realizamos, assim, um estudo delineado na área da adolescência, enfocando os sujeitos integrantes de um projeto de promoção social através da arte, que teve como objetivo compreender as expectativas de vida destes adolescentes participantes do corpo de baile da EDISCA.

À medida que a pesquisa prosseguia e que os desejos e investimentos anteriores se concretizavam nos acontecimentos reais, fomos fazendo uma releitura do que apreendemos, trocamos e construímos nas idas em campo prático, e durante os resgates às memórias e às informações coletadas, e podemos afirmar que

atingimos nosso objetivo, mesmo entendendo que este estudo não finaliza aqui e que este tema é inesgotável.

Como era nosso interesse desde o início destacar a dança, nos aproximamos dos adolescentes participantes do corpo de baile, já que a Escola tem como eixo central a potencialização artística dos envolvidos, englobando música, dança, teatro e artes visuais. Neste contexto pesquisado, percebemos que o trabalho e as elaborações corporais desses adolescentes facilitaram a compreensão de seus conteúdos abstratos, como emoções, sentimentos, sonhos, projeções de vida. A conscientização de suas intenções e capacidades passou a ser compartilhada e seus discursos mostraram possibilidades e concretização de interesses.

Ao dar voz aos adolescentes para falar de si e de suas circunstâncias sociais, percebemos a dimensão que a dança tem em suas vidas, compondo seus momentos atuais, em consonância com seus sonhos e desejos. Estas vivências vão além de intenções e investimentos singulares e coletivos, perpassam pela oportunidade de ser elemento confirmatório destas novas condições re-significadas, evidenciadas por eles quando relataram que agora se sentem capazes de enfrentar as adversidades da vida, porque se conhecem melhor, estão mais preparados, qualificados e encorajados a seguir em frente.

Apesar das dificuldades relatadas, ficou evidente para nós que as vivências ocasionadas no processo facilitaram a reestruturação e a nova significação das vidas, impulsionando a possibilidade de buscar a realização dos sonhos, de vislumbrar e construir um futuro promissor, como foi muitas vezes dito por eles, que agora se sentiam diante de oportunidades novas e reais, de possibilidades de crescimento e de construção do amanhã desejado.

Este estudo se configura agora como um caminho iniciado, e que tem muito a ser percorrido, com inúmeras possibilidades, que levam a uma necessidade maior: repensar nossas ações diárias, socializar estes resultados, impulsionar estudos semelhantes, aprofundar e amadurecer determinados conhecimentos em grupos de estudos e pesquisas, qualificar ações profissionais voltadas para esta área, colaborar com adequações de políticas públicas específicas e contribuir com

reflexões acadêmicas e práticas profissionais. Incorporamos nesse saber o quanto é positivo apoiar instituições com estas características, pois a EDISCA ocupa um importante papel social nos dias de hoje e deve ser apoiada para que possa ser ampliada e replicada em outras instâncias sociais.

Diariamente somos levados a enfrentar momentos difíceis. São crianças e adolescentes nas ruas, sem condições de saúde, educação, moradia, lazer, com carência nutricional e afetiva. Com a atual crise social que estamos enfrentando, o terceiro setor vem ganhando cada vez mais espaço.

Oferecer oportunidade de crescimento pessoal e social para adolescentes inseridos em situações de risco e vulnerabilidade é dar-lhes a possibilidade de sonhar com o futuro. A construção do amanhã se inicia no presente. Percebemos, a partir deste estudo, que a inserção de adolescentes em ambiente favorável, com estímulos adequados e oportunidades reais de desenvolvimento, conduz a uma boa estruturação do vir-a-ser, pois adolescentes que acreditam nos sonhos e investem na vida cultivam boas expectativas e chances de construções positivas.

Foram muitas idas às bibliotecas, noites de estudos, horas na frente do computador, vários encontros na EDISCA com os adolescentes, com os profissionais; foram tardes de orientação, muita transpiração e muita inspiração, mas o maior dos ensinamentos nos foi ofertado pelos adolescentes, que com garra, determinação e coragem mostram que a vida é uma constante construção e que o objetivo maior é alcançar a felicidade.

Neste momento, ressaltamos que todo o trabalho, suado e sonhado, valeu a pena se impulsionou uma reflexão, renovou a valorização da vida, despertou um sorriso singelo, fez correr uma única lágrima, ou simplesmente tocou, de leve, um coração.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. **O estado da arte**: uma proposta estética para a Terapia Ocupacional. 1997. 163f. Dissertação (Mestrado de História da Arte) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Escola de Belas Artes, Rio de Janeiro, 1997.

ALMEIDA, M. **Corpo e arte em terapia ocupacional**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.

ANANIAS, P. Uma rede para a distribuição de renda e crescimento. **Inclusão social**, Brasília, v.1, n. 2, p.9-10, abril./set. 2006.

ANTUNES, C. **Resiliência**: a construção de uma nova pedagogia para uma escola pública de qualidade. (fascículo 13). Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

AVILA, S.F. **A adolescência como ideal social**. Net, 2007. Disponível em: <<http://www.proceedings.scielo.br>>. Acesso em: 25 maio 2007, 22:45.

BARRETO, J.A.E., MOREIRA, R. V. O. (Org.) **O Elefante e os cegos**. Fortaleza, Casa José de Alencar/Programa Editorial, 1999.

BARRETO, A.P. **Terapia comunitária – passo a passo**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2005.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BERTHERAT, T.; BERNSTEIN, C. **O corpo tem suas razões**: Antiginástica e consciência de si. Tradução: Estela dos Santos Abreu. 19. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileiras, 1999.

BOCK, A.M.B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão, **Cadernos CEDES**, São Paulo, v.24, n.62, abr. 2004.

BOURCIER, P. **História da dança no ocidente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei Federal n. 8069/90. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 1990.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 196. CONEP, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, MEC – SES – 1999.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Serviço nacional de aprendizagem rural**. Disponível em: <<http://www.senar.org.br>>. Acesso em: 15 set. 2006, 21:20.

COSTA. L. A.; PEREIRA. A. M. Expressão da tristeza em camada popular urbana de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, jul./set. 1995.

CAPRARA, A. Uma abordagem hermenêutica da relação saúde-doença. **Cad. Saúde Pública**, v.19, n.4, p.923-31, 2003.

CAPRARA, A; VERAS, M. Hermenêutica e narrativa: a experiência de mães de crianças com epidermólise bolhosa congênita. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v.9, n.4, p. 01 – 18, set./dez. 2005.

CASTRO, E. **A apropriação de si mesmo através da dança**. 1992. 188 f. Dissertação (mestrado em artes) - Escola de comunicação e artes, Universidade de São Paulo, 1992.

CALLIGARES, C. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CHIESA, A.; CIAMPONE, M. **Princípios gerais para abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupos focais**. A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva CIPESC. Brasília: ABEN, 1999.

COSTA, A. *et al.* A dança como meio de conhecimento do corpo para promoção da saúde dos adolescentes. **Jornal brasileiro de doenças sexualmente transmissíveis: DST**, Ceará, v. 16, n. 3, p. 43 – 49, jul. 2004.

COSTA, A. P. **Adolescência, violência e sociedade punitiva**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

D'ALENCAR, B. P. **Biodança como processo de renovação existencial do idoso: análise etnográfica**. 2005. 220f. Tese (Programa de Doutorado Interunidades da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto) – Universidade de São Paulo, 2005.

DIÓGENES, G. **Personagens em foco**. Fortaleza: CONDICA/UNICEF, 1998.

EDISCA. A arte na construção do humano. Fortaleza: EDISCA publicações, 2004. 157 p.

EL-KHATIB, U.; BRAGATTO, S. O estatuto da criança e do adolescente: perspectivas de intervenção da terapia ocupacional com a criança e o adolescente “em situação de risco pessoal e social”. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 57 – 60, jan./jun. 2000.

FARÓ, A. **Pequenas histórias da dança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

FERIOTI, M. Atualização da terapia ocupacional no corpo sujeito. **O Mundo da saúde**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 389 – 393, out./dez. 2001.

FERREIRA, A.B.; J.E.M.M. (Ed.) **Dicionário Aurélio básico**: da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988. Edição exclusiva para o assinante do Diário do Nordeste.

FERREIRA, M. O retrato de si. In: LEAL, O. **Corpo e significado**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1995.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1984.

FRANCASTEL, P. **Pintura e sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FRANCISCO, B.R. **Terapia ocupacional**. 3.ed. São Paulo: Papyrus, 2004.

FUX, M. **Dança terapia**. São Paulo: Summus, 1988.

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GEANELLOS, R., Exploring Ricoeur's hermeneutic theory of interpretation as a method of analysing research texts, **Nursing Inquiry**, v. 7, p. 112-119, 2000.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GUIMARÃES, A.; SIMAS, J.; FARIAS, S. Dança como uma contribuição para a qualidade de vida. **Cinergis**, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. 1, p. 29-37, jan./jun. 2003.

GUTIERA, B.C.C. **Adolescência, psicanálise e educação**: o mestre “possível” de adolescentes. São Paulo: Avercamp, 2003.

IERVOLINO, S.; PELICIONE, M. A atuação do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Rev. Esc. Enf. USP**. São Paulo, v.35, n.2, p.115-21, jun.2001.

JACOBS, K.; JACOBS, L. (Ed.) **Dicionário de terapia ocupacional**: Guia de referência. Tradução: Vagner Raso. São Paulo: Roca, 2006. 248 p. Tradução de: Quick reference dictionary for occupational therapy.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996.

LIBERMAN, F. **Danças em terapia ocupacional**. São Paulo: Summus, 1998.

LIBERMAN, F. Trabalho corporal, música, teatro e dança em Terapia Ocupacional: clínica e formação. **Caderno Centro Universitário São Camilo**, São Paulo, v.8, n.3, p.01-93, jun./set. 2002.

LIMA, P. R. F. **Significado da dança na promoção da saúde de crianças do ensino público municipal de Fortaleza – Ceará.** 2006. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação em Saúde) – Universidade de Fortaleza, Centro de Ciências da Saúde, Ceará, 2006.

LOGOS. **Enciclopédia luso-brasileira de filosofia.** Lisboa. São Paulo: Verbo, 1989.

MEDEIROS, M. **Terapia ocupacional: um enfoque epistemológico e social.** São Paulo: EdUFSCAR, 2003.

MEIER, M.; KUDLOWIEZ, S. **Grupo focal: uma experiência singular.** Texto e Contexto Enf., Florianópolis, v.12, n.3, p.394-399, 2003.

MEREGE, L.C. **Sustentabilidade institucional.** Disponível em: <<http://www.interacao.fgvsp.br>>. Acesso em: 16 jun. 2004, 16:27.

MOREIRA, I.C. A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 11-16, abr./set. 2006.

NANNI, D. **Ensino da dança.** Rio de Janeiro: Shape, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Inclusão Social e Redução da Pobreza.** Disponível em: <<http://www.unesco.org.br>>. Acesso em: 14 set. 2006, 22:07.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1987.

PAPALIA, D.E., OLDS, S.W. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PASCHOAL, A.S. **O Discurso do Enfermeiro sobre Educação Permanente no Grupo Focal.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 2004.

PAUGAM, S. **A desqualificação social: ensaios sobre a nova pobreza.** Tradução: Camila Giorgetti e Tereza Lourenço. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

PEREIRA, S.; CANFIELD, M. Dança na escola: desenvolvendo a emoção, a imaginação e o pensamento, **Rev. Kinesis**, São Paulo, n. 25, p. 47-70, dez. 2001.

PEREIRA, M.L.; MARTINS, M.C. [org] **O Conhecimento Transdisciplinar em Saúde da Criança e do Adolescente.** Fortaleza: Editora, 2005.

PILETTI, N. **História do Brasil.** 18. ed. São Paulo: Ática, 1996.

POCHMANN, M.; BARBOSA, A.; PONTE, V. **Atlas da exclusão social: agenda não liberal da inclusão social no Brasil.** v. 5. São Paulo: Cortez, 2005.

POLITH, D.; HUNGLER, B. **Fundamentos da pesquisa em enfermagem.** 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

POPE, C; MAYS,N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde** . 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RACENA, S.; SAVIANI, I., In: CIORNAL, S. (org.) **Percursos em arte terapia: ateliê terapêutico, arte terapia no trabalho comunitário, trabalho plástico e linguagem expressiva, arte terapia e história da arte**. São Paulo: Summus, 2004.

RANGEL, N. B. C. **Dança, educação: Educação Física**. São Paulo: Fontoura, 2002.

RICOEUR, P. **A metáfora viva**. Porto: Rés Editora, 1983.

RICOEUR, P. **Interpretação e ideologias**. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

RICOEUR, P. **Hermeneutics and the human sciences**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

ROCHA, E. O corpo deficiente: Um desvio da norma? **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v.2, n.4, p. 182-187, dez.1991.

RODRIGUES, M.C. Demandas sociais versus crise de financiamento: o papel do terceiro setor no Brasil, **Rev. Administ. Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 5, p. 25-67, jan. 1998.

ROMANO, J.; ANTUNES, M. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002.

RUTHES, R. M.; CUNHA, I. C. Gerenciamento de Enfermagem e administração das organizações do Terceiro Setor, **Revista Brasileira de Enfermagem**. v.52, n.6, p. 796-799, nov./dez. 2006.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno príncipe**. Peru: Los Libros Mas Pequeños Del Mundo, 2005.

SANTANA, L. **O entardecer no farol um estudo sobre a percepção da saúde entre pessoas idosas**. 2004. 150f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Saúde Pública) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Ciências da Saúde, Fortaleza, Ceará, 2004.

SCHRAMM, L. Interpretação e Leitura: A hermenêutica fenomenológica de Paul Ricoeur como fundamentação para os estudos de recepção. In: XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2002, Salvador. **Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Teorias da Comunicação**. Salvador: INTERCOM, 2002.

SILVA, D.M.G.V. **Narrativas do viver com diabetes mellitus: experiências pessoais e culturais**. Florianópolis: UFSC/Programa de Pós-graduação em Enfermagem, 2001.

SPINK, M.J.; MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. (Org.) **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999. p.41-61.

VALLA, V.V. Educação e Saúde: discutindo a formas alternativas de lidar com a saúde. In: GOLDENBERG, P., MARSIGLIA, R., GOMES, O. **O clássico e o novo: tendências objetos e abordagens em ciências sociais e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. cap. 22 , p. 363-378.

VALADARES, J.C. A propriedade, o espaço e o lugar do sujeito. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, out./dez. 1999.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Através desta pesquisa que pretendemos realizar, buscaremos compreender a influência da dança na vida dos adolescentes que constituem o corpo de baile da EDISCA, a maneira como eles estão pensando e planejando suas vidas no futuro. Para realizar esta pesquisa, utilizaremos a observação com anotações, conversas individuais e encontros grupais com discussões seguindo um roteiro de perguntas abertas. Nesse momento, com a permissão dos participantes, as conversas serão gravadas para maiores entendimentos. Todos terão acesso às informações, liberdade para desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem que haja algum prejuízo para a pessoa. Garantimos o sigilo e o anonimato das informações que serão utilizadas somente para fins científicos. A pesquisa não apresenta aos participantes riscos previstos, mas garantimos, desde já, que todos os profissionais envolvidos são devidamente capacitados para contornar e solucionar qualquer problema que por ventura surja. Acreditamos nos benefícios que esta pesquisa trará: reforçando a importância da dança para adolescentes, enriquecendo a compreensão dos profissionais que acreditam e trabalham com esta arte. Também acreditamos que abrirá caminhos para o reconhecimento científico da importância dessa atividade não só para os profissionais da saúde e da educação, mais para os criam, organizam e regulam as ações políticas dessas áreas. Para colaborar com a realização do trabalho participaremos de algumas situações durante os momentos de dança, como aulas, ensaios e apresentações, e, caso aceitem, faremos fotografias para mostrar imagens que se relacionem com o tema a ser discutido, sem identificar nenhum dos participantes. Ficaremos disponíveis para ajudar, caso tenham alguma dúvida ou sentimento que queiram falar, independente da pesquisa. Deve falar com a pesquisadora principal: Lia Barroso de Albuquerque no telefone: 99885325.

Eu _____ declaro que após totalmente esclarecido pela pesquisadora e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar da presente pesquisa.

Fortaleza, _____ de _____ de _____.

Nome: _____

Assinatura do adolescente participante

Nome: _____

Assinatura do responsável pelo adolescente menor de dezoito anos

Nome: _____

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE II

TEMÁRIO

TEMA 1:

- **Expectativas** dos adolescentes sobre a EDISCA, antes de fazer parte deste projeto.

TEMA 2:

- **Sentimentos** atuais e possíveis mudanças ocorridas com os adolescentes

TEMA 3:

- Expectativas para o **futuro**, após o desligamento com a EDISCA

APÊNDICE III

ROTEIRO DE ENTREVISTA

NOME:

IDADE:

DATA DO NASCIMENTO:

NATURALIDADE:

NOME DO PAI:

NOME DA MÃE:

ENDEREÇO RESIDENCIAL:

CONDIÇÕES DE MORADIA (EX.: CASA, ALUGADA):

Nº DE MORADORES:

TELEFONE:

RELIGIÃO:

PRATICANTE:

RENDA FAMILIAR (Nº DE SALÁRIOS):

RENDA PRÓPRIA:

ESCOLARIDADE:

LAZER:

- DESCRIÇÃO FÍSICA/ PSICOSSOCIAL:
- FATOS MARCANTES NA INFÂNCIA:
- FATOS MARCANTES NA ADOLESCÊNCIA:
- QUAIS AS EXPECTATIVAS QUE TINHA DA EDISCA ANTES DE ENTRAR PARA ESTE PROJETO?
- COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? OCORRERAM MUDANÇAS?
- O QUE VOCÊ ESPERA DO FUTURO, DEPOIS QUE SAIR DA EDISCA?

ANEXO I



1996 PRÊMIO CLÁUDIA
Mulher do Ano

1997 PRÊMIO FUNARTE
Melhor Coreografia Nacional
PRÊMIO BENFEITOR DA
CRIANÇA DA CIDADE
Prefeitura de Fortaleza
PRÊMIO ABRINQ
pelos Direitos da Criança

1998 PRÊMIO DESTAQUE DA ÁREA DE DANÇA
Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura

1999 PRÊMIO UNESCO
Categoria Juventude e Cidadania
MEDALHA ABOLIÇÃO -
Governo do Estado do Ceará
PRÊMIO ITAU UNICEF - Finalista

2000 PRÊMIO ITAU UNICEF - Finalista
Série de Ouro
Sistema Verdes Mares de Comunicação

2001 LÍDER SOCIAL
Fórum de Líderes Sociais do Brasil - Certificação
pela Fundação Banco do Brasil com o selo de
tecnologia social, passando a fazer parte do Banco
de Tecnologias Sociais



EDISCA

PARCEIROS

INSTITUTO AYRTON SENNA
GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

BNDES
UNESCO
UNICEF
ASHOKA
AVINA

MODUS FACIENDI
FONTELES ASSOCIADOS S/C
DANONE S/A
CIA DE IMAGEM

GOVERNO DA BAIXA ÁUSTRIA
COLÉGIO ADMIRÁVEL MUNDO
COLÉGIO ESPAÇO ABERTO
ESCOLA O CANARINHO
ESCOLA TIA ZÉA

INSTITUTO BRASIL-ESTADOS UNIDOS
DURAMETAL
EIM

Investidores através da
Lei Federal de Incentivo à Cultura

AGRIPEC
TELEMAR
PETROBRAS
GRUPO M. DIAS BRANCO
APIGUANA
BREITNER ENERGÉTICO
PROGEGARTE

EDISCA
R. Das. Feliciano de Atalida, 2309 - Água Fria
CEP 60821-420 - Tel: 55 (65) 3278 - 1515
e-mail: edisca@edisca.org.br
Site: www.edisca.org.br
Doações - conta(CEF): A12084 - agência 1977








**escola de dança e integração social
para criança e adolescente**

ANEXO II



A Edisca vem mostrando resultados consistentes e tomando visível o poder transformador da arte nos motivando a compartilhar estas experiências. A Partilha-Pesquisa, Criação e Disseminação de Tecnologia Social, pretende oferecer às organizações educativas um espaço pedagógico de reflexão, significação e ampliação dos diversos modos de inovar, inventar, experimentar e validar processos educativos em arte, dentro do campo de uma pedagogia interdimensional, direcionada para o desenvolvimento das dimensões constitutivas do ser.

DEPOIMENTOS

"A EDISCA é hoje um dos trabalhos mais qualificados no campo social, no campo da educação e no campo da arte que temos no Brasil".
VIVIANE SENNA
Presidente do Instituto Ayrton Senna.

"O trabalho da EDISCA tem conteúdo ético e político que indica um caminho que pode ser o da regeneração política do Brasil".
ARIANO SUASSUNA
teatrólogo e romancista

"No coração da Edisca, muito mais do que a denúncia do velho, pulsa o anúncio do novo. O anúncio de um país possível, onde cada criança tenha o direito de ser criança e onde cada adolescente possa olhar o futuro sem medo, porque está preparado para ele. O possível, sempre é bom lembrar, faz parte do real. (...)
A EDISCA é contemporânea do futuro.
É uma prefiguração."
ANTONIO CARLOS GOMES DA COSTA
Pedagogo e Diretor-Presidente da MODUS FACIENDI

"O magnífico trabalho que a Edisca desenvolve só me faz acreditar mais nas pessoas, e cada vez mais que é possível!"
RODRIGO PEDERNEIRAS
Coreógrafo do Grupo Corpo

A pedagogia interdimensional e a educação para o desenvolvimento humano regem nossas ações educativas fazendo apelo à complementaridade entre as áreas artística e outros programas desenvolvidos na Edisca. A nutrição e saúde, psicologia, fortalecimento e complemento a escola formal, biblioteca, informática educativa, língua e cultura estrangeira e programas junto a família, escola e comunidade se conjugam potencializando e dinamizando uma educação voltada para o desenvolvimento humano.

O corpo de baile da Edisca já se apresentou em várias capitais brasileiras e também na França, Itália, Alemanha e Áustria. O repertório é fortemente marcado por temáticas antropológicas e sociais. O balé "Jangurussu" traz o drama de famílias que tiram seu sustento dos lixões das grandes cidades. "Kol-Guera" revela a beleza da cultura indígena e a perda da identidade destes povos com o contato do mundo civilizado. "Duas Estações" apresenta o nordeste brasileiro, pleno de beleza, poesia e contradições. O balé "Mobilis" é o espetáculo que rompe com a dimensão denunciatória e dramática e adentra o campo da pesquisa conceitual, o corpo e suas representações, enquanto "Demoaná" recria a mitologia e lendas brasileiras dentro do universo e imaginário dos educandos. A estratégia de veiculação dos espetáculos proporciona visibilidade institucional local, nacional e internacional, mobilizando desde 1995 um público de 151.845 espectadores, numa média de 30 apresentações por ano.

Desde sua criação, em 1991, 1.198 educandos estudaram na instituição.

Uma média de 2.015 livros é solicitada anualmente pelos educandos na Biblioteca;

O refeitório oferece uma média de 34.798 refeições e 48.801 lanches ao ano aos educandos;

O programa Nossa Saúde realiza uma média anual de 2.732 consultas e atendimentos.

SOBRE A INSTITUIÇÃO

Edisca é visitada semanalmente por dezenas de estudantes, educadores, profissionais do terceiro setor, artistas, pesquisadores, jornalistas e o público em geral interessados em ver de perto a estrutura, as ações e nossos métodos pedagógicos.

Atuamos em diversas linhas a partir do centro de atividades que direciona todo o programa institucional, a escola de artes, Oportunizando o estudo, o fazer e a fruição artística, a escola de artes se coloca como ambiente pedagógico para o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões: intelectual, corpórea, emocional e transcendental.

As linguagens da Dança, Teatro, Musicam e Artes Visuais são os suportes onde são exercidos os processos educativos que vão além do simples aprendizado de técnicas e métodos da criação e construção artística. O convívio em ambiente artístico forma mais do que artistas, forma pessoas sensíveis e potentes para lidar com o mundo contemporâneo. A música, a literatura, o desenho, a pintura, o cinema, o teatro, a história da arte, a dança e outras diversas expressões, além da descoberta e ampliação de novos campos do saber, promove no educando o conhecimento de si próprio e o discernimento crítico, criativo e participativo destes em suas questões contextuais. Uma educação para valores éticos e humanitários, contribuindo para o domínio de habilidades e competências que impulsionam o aprendizado na escola formal e elevam a qualidade de vida em família e em comunidade.